



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
CENTRO DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIAS EXATAS E NATURAIS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA
CURSO DE HISTÓRIA

LUÍS FERNANDO CASTRO PINHEIRO

“PRIMAVERA BRASILEIRA”: NO MARANHÃO E EM OUTROS ESTADOS.

São Luís
2018

LUÍS FERNANDO CASTRO PINHEIRO

“PRIMAVERA BRASILEIRA”: NO MARANHÃO E EM OUTROS ESTADOS.

Monografia apresentada ao Curso de História da universidade Estadual do Maranhão para o grau de licenciatura em História.

Orientador: Pr. Dr. José Henrique de Paula Borralho.

São Luís
2018

LUÍS FERNANDO CASTRO PINHEIRO

“PRIMAVERA BRASILEIRA”: NO MARANHÃO E EM OUTROS ESTADOS.

Monografia apresentada junto ao Curso de História da
Universidade Estadual do Maranhão, para obtenção do
grau de licenciatura em História.

Aprovada em: 29/01/2018

BANCA EXAMINADORA

Pr. Dr. José Henrique de Paula Borralho (Orientador)
Doutor em História pela Universidade Federal Fluminense
Universidade Estadual do Maranhão

Pr. Dr. Isaac Giribet Bernat
Doutorado Internacional em História pela Universitat de Lleida
Universidade Estadual do Maranhão

Pr. José de Ribamar Gomes de Sousa Filho
Especialista em Ensino da História
Universidade Estadual do Maranhão

São Luís
2018

Ao Cosmo e a tudo que ele o contém.

AGRADECIMENTOS

A esta Universidade, seu corpo docente, direção e administração que oportunizaram a janela que hoje vislumbro um horizonte superior, eivado pela acendrada confiança no mérito e ética aqui presentes.

Ao meu orientador José Henrique de Paula Borralho, pelo suporte no pouco tempo que lhe coube, pelas suas correções e incentivos.

Aos meus pais, pelo amor, incentivo e apoio incondicional.

E a todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigado.

“Nós somos feitos de poeira de estrelas”.
(**Carl Sagan**)

RESUMO

Em junho de 2013, o Brasil viveu uma onda de manifestações de rua em várias cidades brasileiras, capitais e interior, manifestações essas que não se via desde talvez o movimento das Diretas Já, nem mesmo o movimento “Caras Pintadas” de 1992, a favor do impeachment do então presidente Fernando Collor de Melo. Vários cientistas sociais têm se esforçado para entender o fenômeno, que mobilizou pessoas de diferentes níveis sociais, mas que tinham um propósito em comum, de ver melhorias em todo o sistema público. Este trabalho partiu das observações e dos relatos da mídia social, *Facebook*, que aqui no Maranhão não só convocou a população para as ruas, bem como utilizou seu espaço para divulgar os dias dos protestos, horários, trajetos que foram percorridos e seus organizadores, pediam também para que os manifestantes, sinalizassem a sua participação e confirmassem sua presença nos eventos.

Palavras-chave: Mídia social. Manifestação. Manifestantes.

ABSTRACT

In June 2013, Brazil experienced a wave of street demonstrations in several Brazilian cities, capitals and the interior, demonstrations that were not seen since perhaps the Direct Already, not even the movement "Caras Pintadas" of 1992, in favor of the impeachment of the then president Fernando Collor de Melo. Several social scientists have struggled to understand the phenomenon, which mobilized people of different social levels, but who had a common purpose, to see improvements throughout the public system. This work was based on the observations and reports of social media, Facebook, which here in Maranhão not only summoned the population to take to the streets, as well as used their space to divulge the days of the protests, schedules, paths that were traveled and their organizers, also asked for the demonstrators, to signal their participation and to confirm their presence in the events.

Key-words: Social Media. Manifestation. Protesters.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	- Mapa das manifestações na região metropolitana de São Luís	38
Figura 2	- Vem Pra Rua São Luís	39
Figura 3	- Tomada pelos manifestantes da frente da sede do governo municipal: Palácio Ravardière	40
Figura 4	- Imagem da proteção das grades ao redor do Palácio e o contingente militar deslocado para fazer a proteção do patrimônio	41
Figura 5	- Ocupação da Ponte São Francisco por jovens manifestantes, junho de 2013	44
Figura 6	- Imagem do jovem Pierre Ramon depredando o patrimônio público	45
Figura 7	- Diante de protestos, jornal britânico lança dúvidas sobre sucesso da Copa	47
Figura 8	- Manifestantes na frente do Palácio dos Leões, no primeiro grande protesto do mês, 19 de junho de 2013	48

LISTA DE SIGLAS

- ALERJ - Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro
- CAEMA - Companhia de Águas e Esgotos do Maranhão
- COE - Companhia de Operações Especiais
- DCE - Diretório Central de Estudantes
- FETAEMA - Federação dos Trabalhadores na Agricultura
- FUNASA - Fundação Nacional de Saúde
- GTA - Grupo Tático Aéreo
- INCRA - Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
- LGBT - Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transexuais
- MOQUIBOM – Movimento Quilombola do Maranhão
- MPL - Movimento Passe Livre
- ONG - Organização Não Governamental
- PEC - Projeto de Emenda Constitucional
- PM - Polícia Militar
- SDS - Secretaria de Defesa Social
- TICEN - Terminal de Integração do Centro
- UFMA - Universidade Federal do Maranhão

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	11
1	OS MOVIMENTOS SOCIAIS E A PÓS-MODERNIDADE: conceitos e contextualização	14
1.1	“Primavera brasileira”	17
1.1.1	O papel das mídias na criação e na propagação das manifestações de junho de 2013	23
2	O DESPERTAR DE UM GIGANTE ADORMECIDO	26
2.1	Movimento passe livre: a manifestação de uma nova era	29
3	MANIFESTAÇÕES NO MARANHÃO	36
3.1	Movimentos articulados pela ilha de São Luís	36
3.1.1	Movimento “Vem Pra Rua São Luís”	39
3.1.2	Movimento “Acorda Maranhão”	42
4	ANEXO	
	MANCHETES QUE FORAM DESTAQUES SOBRE A “PRIMAVERA BRASILEIRA NAS PRINCIPAIS CIDADES DO PAÍS E NA “ILHA REBELDE”	45
	CONCLUSÃO	60
	REFERÊNCIAS	61

INTRODUÇÃO

O Brasil viveu no mês de junho de 2013 onda de protestos que iniciados em São Paulo, se espalhou por várias cidades brasileiras, trazendo milhares de pessoas as ruas, registrando durante alguns dias, momentos únicos na história deste país. O estopim para esses manifestos foi o aumento de R\$ 0,20 (vinte centavos de real) no preço da passagem de ônibus, mas se pergunta: foi só isso?

A princípio, as reivindicações eram por conta do aumento no preço das passagens de ônibus, que iria de R\$ 3,00 para R\$ 3,20, contudo, aos poucos, a pauta dos protestos aumentou. A frase “não é por R\$ 0,20”, escrita em vários muros da capital paulista, e em muitas outras cidades do país, deixou claro o desejo de externar outros pontos que necessitavam de melhorias urgentes.

O que para muitos foi “só isso”, para outros milhares de pessoas foi a cereja de um bolo muito amargo de descontentamento com a política, economia, educação, corrupção e gastos exacerbados do dinheiro público com obras não tão emergenciais, como foram os gastos com construções de novos estádios e reformas dos que já existiam e que receberiam algum jogo internacional, já que no ano de 2013 o Brasil sediou a Copa das Confederações e no ano seguinte à Copa do Mundo.

Protestos por conta do aumento na tarifa do transporte público não chegam a ser bem uma novidade em terras brasileiras. As primeiras ações pelo transporte gratuito em São Paulo começaram ainda em 2004, inspiradas em iniciativas ocorridas em Salvador (Revolta do Buzú, em 2003) e Florianópolis (Revolta da Catraca, em 2004).

E mais um ponto que tornou estes manifestos diferentes dos outros já vistos no Brasil: o uso das redes sociais, *Facebook*, como estimulador, organizador dos eventos, que ganhou seguidores. Em São Luís mesmo, todo o movimento que visto na cidade, foi estrategicamente divulgado na mídia social e, além disso, essa mídia serviu também para expor as pautas das manifestações, as fotos, depoimentos de pessoas que eram a favor e contrárias ao movimento que sacudiu o Brasil e a “Ilha rebelde”.

Esta pesquisa analisou os movimentos populares ocorridos em junho de 2013, em que os manifestantes reivindicaram principalmente, o aumento da passagem do transporte público. Fazendo um apanhado das cidades de origem das manifestações e como em cada uma delas se desenvolveu os manifestos de acordo com a sua própria problemática. (além do aumento das passagens, o Brasil vivia cenas de corrupção de seus governantes e uma crise na economia).

As manifestações desse período, tiveram o apoio para sua disseminação, nas mídias (rádio, TV, periódicos e internet), tendo nas redes sociais a gênese de tudo e mais o incentivo para que as pessoas fossem as ruas. Os líderes das manifestações marcavam os dias das passeatas através das redes sociais e divulgavam também as fotos dos movimentos realizados, conseguindo assim, mais seguidores de suas ideias.

A realização desta pesquisa, justificou-se pela necessidade de compreensão do caráter das Jornadas de Junho no país, e mais especificamente em São Luís, e a relevância da **mídia social**¹ para o desenrolar dos protestos na capital do Maranhão.

Utilizou-se para a realização desta pesquisa diversas fontes com o objetivo de capturar os dados, entender os discursos, distinguir os fatos, o motivo que levou cada cidadão a sair de sua casa para ir as ruas, o papel da polícia e da mídia na propagação dos eventos ocorridos. Fontes bibliográficas sobre pós-modernidade e movimentos sociais contemporâneos também foram utilizadas.

A TV Folha produziu um documentário, “Junho - O mês que abalou o Brasil”, que também foi de grande ajuda para elucidar diversos pontos e contrassensos diagnosticados nas ruas. Ao dar foco em São Luís, analisou as situações mais marcantes no Maranhão, como a tomada da ponte São Francisco, as manifestações na frente do Palácio dos Leões e na Assembleia Legislativa do Estado.

Além dos estudos das redes sociais que serviram para o nascimento e a propagação dos movimentos, utilizou-se na pesquisa, para um melhor entendimento sobre as manifestações, as manchetes dos principais periódicos da cidade, como O Estado do Maranhão, O Imparcial e o Jornal Pequeno.

O trabalho desenvolveu-se em quatro partes: sendo que na primeira, se trata dos movimentos sociais contemporâneos, relacionado com o homem pós-moderno, suas perspectivas, identidade e transformação em paralelo com a tese de Castells (2013) sobre o capitalismo informacional, que elege a tecnologia de informação, como o novo paradigma das mudanças sociais que reestruturam o modo de produção capitalista. Aqui buscou-se também, traçar a historicidade da “Primavera Brasileira”.

No capítulo seguinte explanou-se como fora articulado o Movimento Passe Livre, suas características e também a sua formação. A visão que esse mesmo movimento fora assistido

¹mídias sociais são por outro lado aquelas as quais possibilitam que você também se comunique, ou seja, são uma via de mão dupla. São instrumentos que permitem a criação e o intercâmbio de conteúdos, muitos dos quais gerados pelos próprios usuários. De acordo com a definição de Andreas Kaplan e Michael Haenlein, quando mencionamos mídias sociais estamos nos referindo às aplicações de internet fundamentadas nos conceitos da Web 2.0. O que inclui não só as redes sociais, mas também blogs, wikis e sites de compartilhamento. Disponível em: <https://www.internetinnovation.com.br/blog/midias-sociais-conceito-e-definicao/>

pela mídia, identificando o discurso e as suas transformações. E por fim entender os seus desdobramentos pelo Brasil e a chegada dele em São Luís.

No terceiro capítulo dissertou-se sobre os episódios “Vem Pra Rua São Luís” do dia 19/06/13 e o “Acorda Maranhão” do dia 22/06/13, as articulações dos seus nascimentos, os membros, as lideranças, suas características e seus objetivos.

O quarto capítulo abordou sobre os dias de manifestos no mês de junho em algumas cidades brasileiras, observando-se o que foi destaque no Brasil e em São Luís e as manchetes que ganharam as páginas dos principais periódicos da Ilha de São Luís, O Imparcial, O Estado do Maranhão e o Jornal Pequeno, antes e durante os eventos.

1 OS MOVIMENTOS SOCIAIS E A PÓS-MODERNIDADE: conceitos e contextualização

Os movimentos sociais se dão de várias formas e concepções, a socióloga Alonso (2009) defende a necessidade de mobilização, um processo pelo qual um grupo cria solidariedade e adquire controle coletivo sobre os recursos necessários para sua ação. Juntamente com este fator é imperativa uma necessidade política. Os movimentos sociais em uma visão histórica representam reivindicações de direitos ou exposição de opiniões que surgiram a partir da necessidade humana ou desejo de mudança em aspectos gerais da comunidade.

Maria da Gloria Gohn (2011) vai mais além, ela avalia as bases dos movimentos sociais, identificando suas fontes e discutindo novos prismas, uma das premissas básicas a respeito dos movimentos sociais:

São fontes de inovação e matrizes geradoras de saberes. Entretanto, não se trata de um processo isolado, mas de caráter político-social. Por isso, para analisar esses saberes, deve-se buscar as redes de articulações que os movimentos estabelecem na prática cotidiana e indagar sobre a conjuntura política, econômica e sociocultural do país quando as articulações acontecem. Essas redes são essenciais para compreender os fatores que geram as aprendizagens e os valores da cultura política que vão sendo construídos no processo interativo (GOHN, 2011, p. 333).

Gohn analisa o caráter educativo dos movimentos sociais, que ocorre de duas formas: na interação dos movimentos em contato com instituições educacionais, e no interior do próprio movimento social, dado o caráter educativo de suas ações (GOHN, 2011). A conexão das duas balizas tem se constituído em “novidade” em algumas áreas, como na própria educação – causando reações de júbilo pelo reconhecimento em alguns, ou espanto e estranhamento nas visões ainda conservadoras de outros. Os movimentos se encaram como ações sociais coletivas de caráter sociopolítico e cultural que viabilizam formas distintas da população se organizar e expressar suas demandas (GOHN, 2011).

De acordo com Gohn os movimentos sociais são analisados pela óptica atual e como estes são planejados e fundamentados:

Na atualidade, os principais movimentos sociais atuam por meio de redes sociais, locais, regionais, nacionais e internacionais ou transnacionais, e utilizam-se muito dos novos meios de comunicação e informação, como a internet. [...]. Por isso, exercitam o que Habermas denominou de o agir comunicativo. A criação e o desenvolvimento de novos saberes, na

atualidade, são também produtos dessa comunicabilidade (GOHN, 2011, p. 336).

Hoje, ações dos movimentos sociais suas ações são pela sustentabilidade, e não apenas pelo autodesenvolvimento. Lutam contra a exclusão e por novas culturas de políticas públicas inclusivas (GOHN, 2011). Lutam também pelo reconhecimento da diversidade cultural. Questões como a diferença e a multiculturalidade têm sido incorporadas para a construção da própria identidade dos movimentos.

Existem nesses movimentos uma ressignificação dos ideais de igualdade, fraternidade e liberdade (GOHN, 2011). A igualdade tem uma ressignificação com a tematização da justiça social; a fraternidade se retrata em solidariedade; a liberdade associa-se ao princípio da autonomia, da constituição do sujeito, não individual, mais autonomia de inserção na sociedade, de inclusão social, de autodeterminação com soberania (GOHN, 2011).

A óptica dos direitos possibilita-nos a construção de uma agenda de investigação que gera sinergia, não compaixão, que resulta em políticas emancipadoras, não compensatórias. Fora da óptica da universalidade dos direitos, caímos nas políticas focalizadas, meras justificativas para políticas que promovem uma modernização conservadora. A óptica dos direitos como ponto de partida poderá fazer-nos entender as mudanças sociais em curso (GOHN, 2011, p. 347).

Como esclarece Evangelista:

Como o próprio termo sugere, o pensamento pós-moderno se afirmaria como expressão intelectual de uma nova ordem societária que se está formando em contraposição à modernidade em crise. O pensamento pós-moderno seria a expressão teórica e cultural de uma nova situação sócio histórica: a condição pós-moderna (EVANGELISTA, p. 75-76).

Mas o que é a pós-modernidade? Pós-modernidade no conceito de Bauman² (2003) numa entrevista para a Folha de São Paulo é: “A pós-modernidade é esse desencantamento em relação à ideia de um futuro garantido, certo, promovido pelas leis da história, necessariamente melhor, redentor. Ela [a pós-modernidade] é a construção de um presente possível”.

Nessa mesma entrevista, ele acrescenta que a pós-modernidade é a modernidade sem ilusões:

² Entrevista à Maria Lúcia Garcia Pallares-Burke. A Sociedade Líquida. Folha de S. Paulo, São Paulo, 19 de outubro de 2003.

Diferentemente da sociedade moderna anterior, a que eu chamo de modernidade sólida, que também estava sempre a desmontar a realidade herdada, a de agora não o faz com uma perspectiva de longa duração, com a intenção de torná-la melhor e novamente sólida. Tudo está agora sempre a ser permanentemente desmontado, mas sem perspectiva de nenhuma permanência (BAUMAN, 2003).

Para Harvey (2008) o que há de mais problemático na pós-modernidade são os pressupostos psicológicos deixados por ela. Seus pressupostos psicológicos quanto à personalidade, à motivação e ao comportamento. A preocupação com a fragmentação e instabilidade da linguagem e dos discursos levam diretamente, por exemplo, a certa concepção da personalidade.

Michel Maffesoli em entrevista ao jornal O GLOBO em 2014 anuncia “O tripé pós-moderno é criação, razão sensível e progressividade”; o indivíduo pós-moderno não se define por seu status social ou profissional, seu nível econômico e de formação, mas essencialmente por sua relação com o outro. É este relacionamento que constitui a característica essencial do *homo erectus*: eu vivo e sinto pelo e graças ao outro, afirma o sociólogo.

Nesta mesma entrevista Maffesoli interpreta as manifestações de 2013 como uma ilustração de um *net-ativismo*, ou seja, uma aliança entre as paixões e o desenvolvimento tecnológico, “expressão imediata das emoções”, a comunhão de sentimentos e de afetos são lançados pelo uso das redes sociais. A internet, por exemplo, é uma mídia adaptada à nossa época relativista e relacionista, presenteista e hedonista.

Para Gilles Lipovetsky (2011), “a pós-modernidade não existe, vivemos em uma modernidade potencializada, em suas palavras, a chamada “hipermodernidade”. É impossível pensar o que seria pós-moderno. Pode-se imaginar um sistema futuro que poderá conciliar os imperativos da Economia com os da Ecologia, por exemplo, mas isso não seria pós-moderno, mas sim outra face da modernidade, explica” (LIPOVETSKY, 2011). A hipermodernidade é a afirmação e prevalência de maneira incontestável e praticamente universal dos valores modernos (democracia, liberdade individual, livre mercado, entre outros).

O cientista social Marco Aurélio Nogueira em uma análise feita sobre as Jornadas de Junho e suas reverberações políticas a partir da óptica de Lipovetsky e Gramsci, detalha a modernidade e seus problemas:

Os problemas da modernidade radicalizada agudizam-se ainda mais na hipermodernidade periférica. Fica mais difícil, por exemplo, vislumbrar uma opinião pública e descobrir por que caminhos e processos se formam as

correntes de ideias que regularmente incidem sobre a vida pública. Do mesmo modo, essas correntes não parecem mais se caracterizar pela estabilidade, mas sim pela flutuação, pela oscilação, pela mudança muitas vezes repentina de direção, fato que parece converter o cidadão contemporâneo em uma figura dificilmente previsível ou conhecida de modo antecipado (NOGUEIRA, 2013, p. 187).

Esse tipo de oscilação e mudanças provocadas pelo tempo, transforma também a política que era feita de maneira “analógica”, onde se conversava com um pequeno número de pessoas, familiares e amigos. As praças públicas eram locais de se fazer política, reclamar, socializar; os jornais por assinatura, a TV com poucos canais e a informação limitada, facilitava ainda mais o funil de ‘verdades’ transmitidas, de forma unilateral, sem que o receptor pudesse dialogar com o transmissor da informação.

Hoje a tecnologia deixou tudo mais rápido e superficial também, um modo de vida em que cliques de menus coloridos decidem o que comprar, assistir e ler. A política que advém da tradição secular tende a se tornar simples e passageira, instantânea e superficial, ou, pelo menos na forma de se fazer política. Este formato “analógico” já não cabe mais em um mundo hipermoderno, hedônico e passageiro, o verbo é de uma eloquência assustadora. Transformar essa política em uma política digital não é uma tarefa simples de se fazer, visto que existe um caminho longo, até que seja possível encontrar uma nova forma de se fazer política.

1.1 “Primavera Brasileira”

“Nunca irei a uma manifestação contra a guerra, se fizerem uma pela paz chamem-me”. – Madre Teresa.

Desde os primórdios da história da humanidade, em que o homem passou a viver em sociedade organizada, que as pessoas se unem por um objetivo comum: essa união recebe o nome de manifestação, podendo ela ser pacífica ou não.

Grandes e marcantes manifestações fazem parte do relato histórico do homem por todo o mundo. No Brasil não é diferente. Não é preciso voltar muito no tempo, a fim de se relatar manifestações públicas no país, como por exemplo, no final da ditadura militar, com as Diretas Já, em que o povo exigia, o direito de escolher o presidente do Brasil, fato que só foi possível em 1989, quando foi eleito pelo voto popular o Presidente da República, Fernando Collor de Melo.

Coincidência ou não, algum tempo depois, mais precisamente em 1992, outra grande manifestação marcou o país – “Movimento pró impeachment de Fernando Collor”, popularmente conhecido como o “Movimento dos Caras Pintadas”³. Mas o que será que os manifestos de junho de 2013 têm de diferente dessas outras duas manifestações descritas acima?

Deve-se citar dois pontos, segundo Pimenta (2016, p. 16) que diferenciam as manifestações de junho de 2013 das outras duas do século XX citadas acima:

Ponto 1 – as manifestações de junho de 2013 foram organizadas, articuladas nas redes sociais, elas serviam além de divulgação dos dias, horários, motivos dos protestos, servia também para convocar o povo para saírem as ruas, a fim de participarem dos protestos também;

Ponto 2 – os idealizadores afirmam que esses movimentos eram apartidários, não possuíam cunho de direita nem de esquerda.

A “Primavera Brasileira”, foi o nome dado pelo historiador Borralho⁴ (2018) para as jornadas de junho e julho de 2013 no Brasil decorrentes da revolta popular contra o aumento das passagens de ônibus, primeiramente, iniciaram em São Paulo e depois, as manifestações se espalharam por várias cidades brasileiras, capitais e interiores. (BORRALHO, p. 5, 2018).

Exatamente quando os índices sociais melhoraram, a estabilidade econômica se fixou, realizou-se dois grandes eventos internacionais: Copa das Confederações em 2013 e a Copa do Mundo em 2014, eclodiu país afora uma onda, uma “Primavera brasileira” (Borralho, p. 5, 2018) contra o aumento das passagens de ônibus, contra os gastos com os eventos futebolísticos, sucateamento da saúde, desvio de verbas destinadas a educação, agricultura, infraestrutura e outros fins voltados para o bem do cidadão brasileiro. E o estopim foi exatamente a violência e a truculência da polícia militar de São Paulo que feriu manifestantes durante o primeiro protesto contra o aumento das passagens⁵.

Os manifestantes iniciaram seus protestos contra a gestão de Fernando Haddad, então prefeito de São Paulo, do Partido Trabalhista - PT, pelo aumento das passagens de ônibus, mesmo que esse aumento tenha ocorrido na época de seu antecessor, o ex-prefeito Kassab, chegando a R\$ 3,00.

³ Movimento que tinha a frente estudantes, que saíam as ruas de todo o país, com suas caras pintadas com as cores da bandeira brasileira, pedindo que o presidente Collor fosse deposto de seu cargo, devido as conclusões das investigações das denúncias de corrupção feitas pelo seu irmão.

⁴ José Henrique de Paula Borralho – Departamento de História e Geografia da Universidade Estadual do Maranhão e Coordenador do Núcleo de Estudos de Historiografia e Linguagens (Nehislin).

⁵ As manifestações ocorreram nos dias 6, 7 e 11 de junho. No dia 13 de junho, em vários lugares do país, ocorreram manifestações contra o aumento das passagens.

As manifestações espalharam-se pelo país com frases como: “nenhum partido me representa”, “a saúde é mais importante que o Neymar”, dentre outras. O que começou contra o aumento das passagens amplificou-se contra a precarização da saúde, habitação, contra a corrupção, oligarquias e toda sorte de descontentamento.

A internet ocupou um papel importante nesse processo, tal como na Primavera Árabe⁶. No mundo árabe ela foi usada para reverberar mundo afora a ditadura de seus governos, no Brasil, para divulgação de toda ordem de corrupção, desvio de verbas, gastos desnecessários do dinheiro público, nepotismo, dentre outras coisas (BORRALHO p. 5, 2018).

E como estas manifestações foram articuladas, quem as organizou? O *Facebook* foi a ferramenta de circulação de ideias e notícias sem controle de seu conteúdo por parte de governos, a não ser a censura de vinculação pornográfica. Através desta ferramenta, líderes se apresentaram, convidaram e apresentaram propostas, os motivos pelos quais deveriam sair às ruas e reivindicar. O *Facebook* acabou se tornando também um veículo de divulgação das notícias e ideias políticas para além da grande mídia articulada ao poder econômico.

Diante desse quadro de revoltas, violência e atos públicos pelo país, que Borralho analisa a situação:

À medida que a escolarização aumentou⁷, a universalização do saber e conhecimento, o acesso a equipamentos e utensílios eletrônicos aumentou também o grau de conscientização e mobilização, logo, a contestação com os

⁶ Primavera Árabe é o nome dado à onda de protestos, revoltas contra governos do mundo árabe (Egito, Tunísia, Líbia, Síria, Iêmem e Barein) que eclodiu em 2011. A raiz dos protestos é o agravamento da situação dos países, provocado pela crise econômica e pela falta de democracia. A população sofre com as elevadas taxas de desemprego e o alto custo dos alimentos e pede melhores condições de vida.

⁷ Aumenta o número de alunos de 6 a 14 anos matriculados em escolas em todas as regiões do país, mas a taxa de analfabetismo se mantém estável, em 9,2%. o problema está concentrado na população mais velha: 12,4% de brasileiros acima de 25 anos não sabem ler. Os dados são da PNAD 2008. O PNAD 2008 constatou que a taxa de escolarização cresceu de 97% em 2007 para 97,5% em 2008 entre alunos de 6 a 14 anos, e de 82,1% para 84,1% na faixa de 15 a 17, repetindo uma tendência de avanço da escolaridade entre os mais jovens. no entanto, a pesquisa apresenta um cenário contraditório. em números absolutos, caiu a quantidade de estudantes na faixa mais jovem, de 30,2 milhões para 29,7 milhões. a amostra estimou também o indicador aproximado de analfabetismo funcional no brasil, uma taxa elevada, de 21% das pessoas acima de 15 anos. em 2007, essa taxa foi de 21,8%. analfabetismo cultural, pelos critérios da UNESCO, é a definição usada para as pessoas que, mesmo sabendo ler e escrever, não são capazes de entender e reproduzir o que leram. Pela PNAD, são considerados analfabetos funcionais indivíduos acima de 15 anos com menos de quatro anos de estudo. O IBGE aponta ainda que o aumento na proporção de matriculados com queda no número absoluto pode ser explicado pelo envelhecimento da população. apesar do crescimento proporcional, no ano passado, 762 mil jovens dessa faixa não estavam na escola. no ano anterior, eram 930 mil. no grupo etário seguinte, houve crescimento até nominal: de 8,358 milhões de jovens para 8,655 milhões, na idade do ensino médio. também aumentou a taxa de escolarização das crianças de 4 e 5 anos, de 70,1% em 2007 para 72,8% em 2008. em números absolutos, mais 73 mil crianças dessa faixa entraram na escola no período, indo de 4,124 milhões para 4, 197 milhões de estudantes. nas demais faixas etárias, houve queda. Disponível em: <http://www.anj.org.br/pje/escolarizacao-sobe-para-975-e-taxa-de-analfabetismo-se-mantem-estavel-em-92>. Citado por Borralho (2018).

gastos da Copa do Mundo tornou-se prementes, sendo a mais cara da história⁸ (BORRALHO, p. 8, 2018).

O que se viu no 1º semestre de 2013, foi pelo menos 22 capitais e 400 cidades envolvidas em atos públicos. Estima-se que mais de 3 milhões de pessoas tenham ido para as ruas participar dos movimentos, reivindicando o aumento das tarifas de transporte público, a situação econômica e a política do país (MARÇAIOLI, 2015).

Segundo a Revista Época (nº. 2275 págs. 82 e 83, junho de 2013), partindo da capital de São Paulo as manifestações se expandiram para outras capitais, sempre levando um grande número de manifestantes, como em Manaus – Amazonas, que foram contabilizados 60 mil no dia 20/06, 30 mil em Aracaju – Sergipe, no mesmo dia e 15 mil em São Luís no dia 19 de junho. Segundo o infográfico “Manifestações no Brasil” 3.000.000 de brasileiros foram às ruas no dia 20 de junho e m 140 cidades.

Uma pesquisa nacional realizada pelo Ibope durante as passeatas em junho de 2013, mostra que os problemas mais citados pelos manifestantes eram a questão da precariedade do transporte público e seu aumento da tarifa com 37,6%; o ambiente político consumido pela corrupção: 29,9%; melhorias relacionadas com a saúde: 12,1% e os gastos públicos com a Copa das Confederações e a Copa do Mundo: 4,5%.

Para se entender melhor as proporções que esses movimentos tiveram, é necessário identificar a importância que as mídias têm e neste caso específico, o papel das redes sociais, essa tecnologia de comunicação que foi primordial para a rápida propagação das ideias e inflamação das inúmeras manifestações.

⁸ A Copa do Mundo de 2014 no Brasil será a mais cara da história, com gastos da ordem de 40 bilhões de dólares (cerca de R\$ 62 bilhões), segundo levantamento da Consultoria legislativa do Senado. Os números foram considerados sem “nenhum fundamento” pelo ministro do Esporte, Orlando Silva, nesta quarta-feira. “O nosso país, dono de vários recordes no futebol mundial, já tem mais um: o da Copa mais cara de todos os tempos”, afirmou o consultor legislativo do Senado para as áreas de Turismo e Esporte, Alexandre Guimarães, em artigo. Nesta conta estão incluídos: 33 bilhões de reais anunciados pela presidente Dilma Rousseff para obras de infraestrutura da Copa — incluindo segurança e saúde —, 7 bilhões de reais que devem ser gastos em estádios pelo setor público e os 20 bilhões de reais que o BNDES (Banco nacional de desenvolvimento.) disponibilizará para financiamento do trem-bala Rio de Janeiro-São Paulo. Somados, esses valores chegariam a 38 bilhões de dólares pela cotação do dólar na tarde desta quarta. O trem-bala, no entanto, não ficará pronto para a Copa do mundo de 2014 e sua operação durante a Olimpíada de 2016 no Rio não é uma exigência colocada em edital para a empresa que vencer a licitação. Mesmo assim, os valores a serem gastos pelo Brasil ainda ficariam bastante acima dos 8 bilhões de dólares que, segundo Guimarães, a África do Sul desembolsou para realizar o evento, até hoje o mais caro da história, entre estádios e obras de infraestrutura. “Mesmo o número específico para a Copa [excluindo gastos com infraestrutura], vai passar fácil a África do Sul, que foi a mais cara até agora”, disse o consultor, por telefone. O ministro Orlando Silva contestou o levantamento da Consultoria legislativa do Senado e afirmou que o número de 40 bilhões de dólares apontado por Guimarães é “cabalístico” e sem “nenhum fundamento”. Para Guimarães, da Consultoria legislativa do Senado, no entanto, foi o governo que colocou todos os investimentos na mesma rubrica da Copa do mundo. A consultoria é encarregada de produzir estudos e notas técnicas de esclarecimento sobre questões de relevância para o Congresso. Para ele, um exemplo disso é a aprovação na Câmara dos deputados do Regime diferenciado de contratações (RDC) para obras do Mundial e dos Jogos olímpicos de 2016 (SIMÕES, 2011). Citado por Borralho (2018).

O sociólogo Manuel Castells (2015) em entrevista a Malu Fontes, do Correio da Bahia, enfatiza também que, a comunicação em rede está revitalizando a democracia, mostrando uma transformação do indivíduo conformista em um cidadão ativo, tentando fugir do estigma pós-moderno de conformidade, de “cidadãos definidos como consumidores satisfeitos” (BAUMAN, 2011, p. 381) e “vivendo na escravidão, se sintam livres e, portanto, não experimentam a necessidade de se libertar” (BAUMAN, 2001, p. 27).

Para Castells (2013), hoje se vive plenamente em uma sociedade digital e é preciso reexaminar tudo o que se sabe sobre a sociedade industrial, porque já se está em um outro contexto, um exemplo de tudo isso são os movimentos sociais de junho de 2013, movimentos que se articularam pela internet convocando números cada vez maiores de cidadãos para as ruas e praças de todo o Brasil, movimentos descentralizados, apartidários e sem lideranças centrais, por isso, o espaço de autonomia da rede é essencial.

O entendimento destas manifestações parte do conhecimento da insatisfação dos usuários do transporte público nas grandes cidades brasileiras, insatisfação esta que derivava da quantidade de transportes, insuficientes para comportar o número de usuários diários, a falta de segurança nos mesmos, preços considerados abusivos pela péssima qualidade oferecida, principalmente nos grandes centros urbanos, gerando assim, uma população cada vez mais desgastada e revoltada com seus governantes.

É importante ressaltar que, o problema do transporte público, remonta o tempo do surgimento das cidades, que crescem sem infraestrutura adequada, sem políticas públicas que sanem realmente as necessidades básicas de seus cidadãos.

As revoltas populares em torno do transporte coletivo assaltam a história das metrópoles brasileiras desde sua formação. Os bondes virados, os trens apedrejados, os ônibus incendiados, os catraços, os muros “pixados” com as vozes das ruas, as barricadas erguidas contra os sucessivos aumentos das passagens são expressão da digna raiva contra um sistema completamente entre à lógica da mercadoria (MOVIMENTO PASSE LIVRE - SÃO PAULO, 2013, p. 13).

Somados a isso, pode-se ver também, a precariedade da saúde pública, educação, economia com inflação descontrolada, juros altos e gastos elevados dos poderes públicos, juntamente com a corrupção política. O cenário pré-manifestações era crítico e preocupante do ponto de vista social, mas que foi desconsiderado pela liderança dos municípios, estados e nação.

No ano de 2013, o Brasil experimentou a potência das redes sociais como um instrumento de organização popular, o coletivo Movimento do Passe Livre (MPL) tinha um

objetivo claro: o não aumento da tarifa de ônibus e a luta por um transporte público com qualidade. Em São Paulo, onde tudo começou, o governo do estado foi duro com o movimento, as fotos e imagens se disseminaram nas redes sociais e os protestos ganharam força e mídia, várias outras organizações espontâneas se apresentaram, e em pouco tempo, os protestos já tinham um montante de mais de 1 milhão de pessoas nas ruas. Foram descobertos pontos em comum e era imperativa uma mobilização atualizada e comprometida.

1.1.1 O papel das mídias na criação e na propagação das manifestações de junho de 2013

Tudo começou a partir da internet, das relações sociais virtuais, conjurando um espaço de autonomia, distanciando do estado e das empresas.

Borrinho (2018) enfatiza que a internet teve um papel importante para o desenrolar desse processo, assim como foi na Primavera Árabe. No mundo árabe, a internet serviu para mostrar ao mundo a ditadura de seus governos, já aqui no Brasil, as redes sociais serviram para divulgar a corrupção de toda ordem, desvio de verbas, gastos infundados com o dinheiro público, nepotismo, entre outros pontos.

Castells (2013, p. 11) assegura que: “Compartilhando dores e esperanças no livre espaço público da internet, conectando-se entre si e concebendo projetos a partir de múltiplas fontes do ser, indivíduos formaram redes, a despeito de suas opiniões pessoais ou filiações organizacionais”.

As mídias sociais criaram uma forma *sui generis* de propagar e reclamar. Bastava acessar o Facebook para ler as manifestações sobre o aumento das tarifas do transporte público, acompanhar as mensagens de descontentamento com a política e a incompetência dos serviços públicos no *Twitter* ou visitar um blog conhecido para ver os protestos sem uma pauta definida.

Sakamoto analisa as ferramentas tecnológicas em um processo pedagógico educacional da seguinte maneira:

Tecnologias de comunicação não são apenas ferramentas de descrição, mas sim de construção e reconstrução da realidade. Quando alguém atua através de uma dessas redes, não está simplesmente reportando, mas também inventando, articulando, mudando. Isto, aos poucos, altera também a maneira de se fazer política e as formas de participação social (SAKAMOTO, 2013, p. 95).

Gerando desta forma uma constituição de redes:

A constituição de redes é operada pelo ato da comunicação. Comunicação é o processo de compartilhar significado pela troca de informações. Para a sociedade em geral, a principal fonte da produção social de significado é o processo da comunicação socializada. Esta existe no domínio público, para além da comunicação interpessoal. A contínua transformação da tecnologia da comunicação na era digital amplia o alcance dos meios de comunicação para todos os domínios da vida social, numa rede que é simultaneamente global e local, genérica e personalizada, num padrão em constante mudança (CASTELLS, 2013, p. 15).

O processo de construção de significado caracteriza-se por um grande volume de diversidade. Existe, contudo, uma característica comum a todos os processos de construção simbólica: eles dependem amplamente das mensagens e estruturas criadas, formatadas e difundidas nas redes de comunicação multimídia.

Castells (2013, p. 15) ainda completa: “Embora, cada mente humana individual construa seu próprio significado interpretando em seus próprios termos as informações comunicadas, esse processamento mental é condicionado pelo ambiente da comunicação”. Nesse sentido, a partir da construção de Castells, as mudanças do ambiente da comunicação transformam a construção de significado e as relações de poder. Ele explica que existe uma mudança fundamental no domínio da comunicação a – auto comunicação⁹, o uso da internet e das redes sem fio como plataformas da comunicação digital, gerando desta forma autonomia da mensagem e do emissor, assim, as transformações podem ser mais rápidas, pois o fluxo de emissão e recepção de imagens, vídeos e textos são de produção independente.

Entretanto, a questão é: qual a razão disso tudo? Zizek em seu artigo sobre as manifestações de junho de 2013 explicita o objeto real na sua visão sobre tais movimentos:

Não existe um único objetivo “real” perseguido pelos manifestantes, algo capaz de uma vez concretizado, reduzir a sensação geral de mal-estar. O que a maioria dos manifestantes compartilha é um sentimento fluído de desconforto e descontentamento que sustenta e une demandas particulares. (ZIZEK, 2013).

A derradeira batalha pela mudança social é decidida na mente das pessoas, e nesse sentido os movimentos sociais em rede têm feito grande progresso no plano internacional (CASTELLS, 2013). São dotados de forças aglutinadoras de pessoas e de potencial de experiências sociais que se tornam fontes de diferentes formas de processos educativos. Há

⁹ Auto comunicação porque traz autonomia na emissão de mensagens, autonomia na seleção da recepção de mensagens, autonomia na organização de redes sociais próprias e na organização de um hipertexto cognitivo e formativo em que estão todas as informações digitalizadas.

uma batalha acontecendo dentro dos protestos sobre o que eles próprios representam e surgem alguns questionamentos: é apenas uma luta contra a administração de uma cidade corrupta? Contra um regime autoritário? Contra a privatização dos espaços públicos? O desfecho dessa situação está em aberto, e será resultado do processo político atualmente em curso (ZIZEK, 2013).

Segundo Castells (2013), foi basicamente a humilhação financeira, política ou cultural, que uniu aqueles que transformaram medo em indignação, e indignação em esperança de uma humanidade melhor. Humanidade esta que, deve ser construída a partir do zero, escapando das múltiplas armadilhas ideológicas e institucionais que tinham levado inúmeras vezes a becos sem saída, forjando um novo caminho, à medida que o percorria, comenta o sociólogo espanhol.

Os manifestantes excluíram os partidos políticos e a mídia tradicional, se organizando em assembleias locais sem lideranças formais, muitos eram considerados antipartidários e outros apartidários, como sublinha Fernandes e Roseno:

Ser antipartidário significa, às vezes, não considerar a história, e ser contra a participação dos partidos políticos nos atos. Em uma visão maniqueísta, como se eles fossem representantes do mal; por isso, a necessidade de expulsá-los. Nesta ação, os partidos são demonizados. Quanto a ser apartidário, significa considerar a história e optar por não seguir o direcionamento de nenhum partido (FERNANDES E ROSENO, 2013, p. 79).

A questão da representação não envolve apenas a crise dos partidos e da política, mas sim, a necessidade de uma reforma política, sendo uma das principais manifestações das ruas, reformas culturais, éticas e uma reforma individual, abrir a mente para um novo mundo, uma sociedade mais justa e igualitária:

O quadro de crise tem determinações amplas. Está associado a manutenção de um modelo econômico que aparenta produzir resultados em termos de crescimento, mas que não promove nenhuma expansão sustentável de economia e, sobretudo, prolonga as bases históricas de subordinação e da vulnerabilidade externa, da acumulação com baixas taxas de investimento e muito voltada para o setor primário-exportador, do predomínio de grandes grupos econômicos e, por extensão, da concentração da renda e da riqueza. O que evidenciou em junho, portanto, não foi somente uma crise política, mas uma crise sistêmica, que encontra apoio a múltiplos aspectos: econômicos, socioculturais, políticos e éticos, institucionais e governamentais. O sistema político em sentido estrito surge nela como a ponta de um iceberg, o protagonista que sintetiza o que há de perverso no todo (NOGUEIRA, 2013, p. 35).

A jornada de junho de 2013 ficou marcada por não pertencer a nenhum partido político. Todos podiam participar, sem se preocupar com vínculos partidários, quer sejam de esquerda ou direita. As manifestações ocorridas neste período eram de todos, entretanto com objetivos diferentes.

2 O DESPERTAR DE UM GIGANTE ADORMECIDO

Ainda hoje, pesquisadores passam por aquele período de reflexão acerca do acontecido. Esse é o começo do século XXI, crises financeiras, protestos contra as guerras, manifestações contra regimes autoritários, sistemas imperiosos, um novo ciclo de conflitos foi iniciado¹⁰. As manifestações pegaram muita gente de surpresa, pois afinal de contas, num mundo totalmente mergulhado numa crise econômica, políticos corruptos, sem esperança pessoal e o vazio cultural que assolava a sociedade, os protestos acontecendo foi uma surpresa geral. Ninguém esperava. Subitamente, ditaduras podiam ser derrubadas pelas mãos desarmadas do povo, mesmo que essas mãos estivessem ensanguentadas pelo sacrifício dos que tombaram (CASTELLS, 2013).

Castells foi mais longe sobre os acontecimentos deste período: governos foram denunciados. A mídia se tornou suspeita. A confiança desvaneceu-se. E a confiança é o que aglutina a sociedade, o mercado e as instituições. Sem confiança o contrato social se dissolve. Sem ela nada faz sentido e tudo se transforma, modificando assim o homem no limiar do planeta e sua capacidade, nas margens de um mundo que havia chegado ao limite de sua capacidade de propiciar aos seres humanos a faculdade de viver juntos e compartilhar sua vida com a natureza, mais uma vez os indivíduos realmente se uniram para encontrar novas formas de sermos nós, o povo (CASTELLS, 2013).

Toda essa turbulência de ideias gerava um brilho especial ao movimento, foi possível presenciar grupos divergentes nas ruas, movidos pela vontade e pelo sentimento de mudança. Todos queriam ser vistos, todos queriam estar naquele lugar presenciando a mudança e fazendo parte da História.

Várias tribos com diversos pontos de vista. Um tribalismo, que facilmente lembrava do livro 'Tempo das Tribos' de Maffesoli, tribos observadas como uma representação da pós-modernidade, matizes de identidades, de culturas diferentes, mas aqui não com um intuito puramente hedônico, mas coletivo; uniões do tribalismo – o policulturalismo, que trabalha a diversidade dos seres humanos, fazendo com que se ajustem uns com os outros na sociedade em que vivem, pois antes de serem indivíduos racistas ou nacionalistas, são seres com uma união de diversos elementos, uma mistura (MAFFESOLI, 1998).

Essas manifestações apresentaram uma nova forma de pensar e se organizar, cidadãos de todas as classes sociais, conectados entre si nas redes de indignação e esperança se

¹⁰ Da Primavera Árabe aos movimentos Occupy, dos indignados da Espanha as Jornadas de Junho no Brasil.

produzem e reproduzem, através do poder da conexão e com os meios de informação, as mudanças se desenvolvem através da vontade, da indignação, do desejo e da esperança.

No Brasil, o bordão “o gigante acordou” representou bem esse ímpeto, o gigante que a muito adormecia, acorda pelas mobilizações juninas, gigante este, que a mais de 20 anos não se debruçava nas ruas, como abordou Sousa (2011, apud Santos, 2015, p. 1)¹¹. As manifestações aconteceram ao longo de 20 dias, intercalados. Dos primeiros dias de junho ao dia 20. A partir daí qualquer manifestação terminava em quebra-quebra com cenários de guerra nas ruas e muita repressão.

O Brasil conheceu em junho a face mais visível de uma crise de representação e de legitimidade – uma crise da política que vinha de longe e permanecera relativamente adormecida até então. Uma certeza tornou-se consensual a partir dos protestos: ‘representação política’ ruiu (NOGUEIRA, 2013, p. 32).

Estima-se que, o dia de maior participação nas manifestações foi na quinta-feira, dia 20 de junho, foram às ruas mais de 1,25 milhões de pessoas, em mais de 100 cidades brasileiras (G1 de São Paulo, 2013). Para entendermos um pouco mais sobre os desdobramentos internos das manifestações, é preciso antes de tudo, compreendermos o painel político nacional.

O ano de 2013 foi recheado por muitas transformações: o Brasil vivia um ensaio para a Copa do Mundo de Futebol e estava sediando a Copa das Confederações, o país passava por um ano pré-eleitoral também. Nesse ano já estava decidido que o país além de sediar a Copa em 2014, seria sede das Olimpíadas no Rio em 2016.

A população repartia-se em duas ideias, um polo acreditava que os benefícios de sediar dois grandes eventos de vasta magnitude seria excelente para o país, pois mostrar-se-ia um país forte, organizado, preparado para enfrentar os ditames dos novos tempos e que o legado que permaneceria após os jogos seria proveitoso, que toda estrutura fomentada para assegurar os jogos ficaria como herança para os cidadãos. Já o outro polo acreditava que, o país tinha de resolver os problemas existentes, que investimentos em eventos faraônicos prejudicariam a curto, médio e longo prazo a vida dos brasileiros, que o legado destes eventos estaria em desequilíbrio com o os investimentos que poderiam ser realocados para fins mais imediatos.

¹¹ Em 1992 os números pífios da política econômica de Collor e a indignação frente aos escândalos de corrupção envolvendo seu nome incentivaram a mobilização em torno de sua saída do governo. Os integrantes do movimento “Fora, Collor”, capitaneado por entidades representativas dos sindicatos, setores estudantis e entidades de classe, pintaram suas caras e saíram às ruas em sinal de sua indignação.

A FIFA exigia inúmeras reivindicações, a Lei Geral da Copa, é um exemplo disso, Solto Maior observa a inconstitucionalidade de tal lei:

No caso da Copa do Mundo de 2014, a partir desse método, é fácil perceber o quanto o evento se prestou a reproduzir o modo de produção capitalista por meio da utilização da lógica inserta no estado de exceção, que impulsionou uma visualização restritiva do evento, pautada por uma justificativa atomizada, sem contextualização histórica e feita de forma parcial, para não permitir a revelação de suas intensas contradições. Historicamente, cumpre lembrar que a Lei Geral da Copa (LGC), n. 12.663/2012, foi, assumidamente, fruto de um ajuste firmado entre o governo brasileiro e a Fifa, uma entidade privada, visando atender os denominados padrões Fifa de organização de eventos, para possibilitar a realização da Copa das Confederações em 2013 e a Copa do Mundo em 2014 (MAIOR, 2013, p. 34-35).

O governo atendia sob manipulação esses ditames, entretanto, com o passar do tempo era percebido que este véu era fácil de ser retirado. Pouco tempo após os eventos, constataram-se estádios superfaturados e mal feitos (CALZOLARI, 2015), como o Estádio de Brasília o “Mané Garrincha”, que apresentou superfaturamento, o Ministério Público estima um prejuízo de pelo menos R\$ 1,6 milhão”, ou seja, 153% a mais do valor do orçamento, sem falar que a cidade não tem tradição esportiva. O país iniciara uma crise e o baixo desenvolvimento econômico se tornara ano a ano cada vez mais acentuado. Em 2013, logo no início do ano, o governo já articulava uma política fiscal afrouxada, a fim de alterar a Lei de Diretrizes Orçamentárias - LDO, pois o planejamento inicial havia falhado tanto para esse ano quanto para o ano seguinte: 2014 (OLIVEIRA; MARCHESINI, 2013).

Diante de todo esse cataclismo político, nas palavras de Carlos Vainer, parafraseando Mao Tse-Tung, vê-se que:

Uma fagulha pode incendiar uma pradaria” qualquer esforço de análise que pretenda examinar os processos em curso desde uma perspectiva histórica deve dirigir seu olhar não para a fagulha que deflagra o incêndio, mas para as condições da pradaria, que, estas sim, explicam por que o fogo pode se propagar. A pradaria, como agora se sabe, estava seca, pronta para incendiar-se (VAINER, 2013, p. 36).

E nesse caso, esta fagulha foi a mobilização contra o aumento da tarifa nos transportes públicos convocada pelo MPL.

2.1 Movimento passe livre: a manifestação de uma nova era

Uma das especialidades das manifestações, foi a concentração dos mais diversos grupos ideológicos e todos estes sendo maximizados pelas redes sociais. Grupos estes que, se aproveitaram do fértil momento, tentaram atrair pessoas para si, para suas ideias e reivindicações. O coletivo que mais se destacou no início das manifestações foi o MPL que nada mais é que:

Um movimento social brasileiro que defende a adoção da tarifa zero para transporte coletivo. O movimento foi fundado em uma plenária no Fórum Social Mundial em 2005, em Porto Alegre, e ganhou destaque ao participar da organização, em 2013, dos primeiros protestos em São Paulo por causa do aumento da tarifa de ônibus, que culminaram em protestos por todo país após o aumento da repressão policial contra manifestantes e jornalistas (MOVIMENTO PASSE LIVRE, 2013).

O MPL por falta de uma política de transporte eficiente vê a necessidade desse movimento social.

No dia 06 de junho o MPL - Movimento Passe Livre, realizou uma manifestação contra o aumento da tarifa de ônibus e pela reivindicação da Tarifa Zero, bandeira do movimento desde o seu surgimento, em 2005, à qual suas lideranças atribuem o sentido de uma luta anticapitalista por retirar dos empresários do setor de transporte o poder do controle da mobilidade urbana (PINHEIRO, 2013, p. 154).

Do dia 06 de junho até o dia 19 quando milhares de pessoas foram às ruas em muitas cidades brasileiras, os governantes tinham tido tempo de pensar e negociar com os primeiros manifestantes,

O MPL defende que a cidade deveria ser usada como arma, a retomada do espaço urbano aparece como objetivo dos protestos contra a tarifa:

Sabendo que o bloqueio de um mero cruzamento compromete toda a circulação, a população lança contra si mesma o sistema de transporte caótico das metrópoles, que prioriza o transporte individual e as deixa à beira de um colapso. Nesse processo, as pessoas assumem coletivamente as rédeas da organização de seu próprio cotidiano. É assim, na ação direta da população sobre sua vida – e não a portas fechadas, nos conselhos municipais engenhosamente instituídos pelas prefeituras ou em qualquer uma das outras artimanhas institucionais –, que se dá a verdadeira gestão popular. Foi precisamente isso que aconteceu em São Paulo quando, em junho de 2013, o povo, tomando as ruas, trouxe para si a gestão da política tarifária do município e revogou o decreto do prefeito que aumentava a passagem em vinte centavos (MOVIMENTO PASSE LIVRE, 2013, p. 13).

O MPL entende que a população é sempre objeto em vez de sujeito, que o transporte é ordenado de cima, segundo os imperativos da circulação do valor. Dessa forma, a população é excluída da organização de sua própria experiência cotidiana da metrópole, organização essa que se realiza principalmente pelo sistema de transporte, o qual restringe a mobilidade ao ir e vir do trabalho colocando catracas em todos os caminhos da cidade (MOVIMENTO PASSE LIVRE, 2013). Assim sendo, quando se fortalecem as catracas e as barreiras que impedem a livre movimentação, as contradições se apresentam com mordacidade, desta forma que o Movimento se estabeleceu, em uma luta contra a exclusão urbana, pedindo o fim das barreiras e de tudo aquilo que se contrapõe ao livre ato de ir e vir.

No ano de 2003, dez anos antes dos movimentos de junho, ocorre em Salvador uma série de manifestações contra o aumento das passagens do transporte coletivo na capital baiana que ficariam conhecidas como a “Revolta do Buzu”. Aliás, já despontava uma nova forma de mobilização mais espontânea e democraticamente articulada: “durante as aulas, estudantes secundaristas pulavam os muros das escolas para bloquear ruas em diversos bairros, num processo descentralizado, organizado a partir de assembleias realizadas nos próprios bloqueios” (MOVIMENTO...apud MARICATO et al., 2013, p. 14).

Percebe-se na maioria dos usuários dos transportes públicos, um descontentamento em relação ao preço abusivo das passagens e com a precariedade na infraestrutura dos transportes públicos em todo o Brasil. A insatisfação que tomava conta da população apontava para um futuro de manifestações e revoltas contra a política, economia e gestão pública de seus governantes.

Secco (2013, p. 77) disserta que a organização do MPL se tornou o movimento mais importante na primeira fase dos protestos, ele compara esta mobilização com outras tantas em diversas cidades do Brasil e do mundo e deixa uma pergunta no ar: “por que sendo tão diferentes, guardam entre si um ar de familiaridade?” São revoltas que tiveram início nas redes virtuais, nas quais as pessoas agem com singularidade, contudo, o conjunto é construído pela reação calculada dos donos do poder e da informação. Assim, sua potencialidade revolucionária pode ser cooptada.

Nas manifestações do dia 20 de junho, pelo fato de existir um caldeirão de ideias das mais contraditórias, facilmente pode-se apresentar uma direita, como grupos neonazistas. A mudança ideológica dos protestos coincidiu com uma queda abrupta do número de manifestantes. O movimento que começara apartidário se tornava então antipartidário. Secco disserta que:

O MPL, organização horizontal e autonomista, mas dirigente, foi o ator mais importante na primeira fase dos protestos. Trata-se de movimento fundado em 2005 e existente em várias cidades, fruto do acúmulo de revoltas contra o aumento das tarifas de transporte público que ocorreram em 2003 em Salvador e, logo depois, em Florianópolis (SECCO, 2013, p. 76).

Edson Fernandes e Ricardo Roseno analisam por uma visão ideológica esses mesmos grupos nas ruas:

Muitos grupos que protestaram nas ruas são perceptíveis à influência anarquista, como também inúmeros indivíduos bem-intencionados, no sentido, que agem para evitar as hierarquias, a personalização e as negociações verticais; ou seja, ninguém se encontra acima de ninguém, todos são iguais, não se faz necessário um representante “eleito”, ou determinado pelo “destino” ou por “carisma” para conduzi-los. Não há líderes no movimento, todos são líderes por auto definição. Esse foi o cenário visto durante os protestos populares pelo Brasil (FERNANDES E ROSENO, 2013, p. 81).

Nesse sentido, não havendo líderes, mas grupos, o MPL saiu na linha de frente destes, derrubando a primeira peça da gigantesca sequência de peças de dominó desta imensa engenharia social. A reivindicação de não aumento de tarifas fora atendida, o MPL aos poucos foi deixando a cena, mas como já dissertado por Vainer, a fagulha já queimava toda a pradaria.

Entretanto, deve-se destacar o desenvolvimento da violência caracterizada pelo despreparo da polícia militar e a falta de reação em frente a desobediência civil, observadas durante as manifestações nas várias cidades brasileiras.

Lassance em seu discurso macroeconômico pondera bem como se iniciou e se instalou a violência, como um efeito de conjecturas políticas e econômicas:

Em pouco mais de uma década de governos do PT, o país passou a ser a oitava maior economia mundial. Reduziu drasticamente a pobreza, mais do que qualquer outro país emergente. Tornou-se um dos países que mais expandiram sua classe média e seu mercado consumidor. O brasileiro mudou de figura também em outros aspectos. Tornou-se mais exigente, mais informado, mais conectado, mais crítico e mais estressado. Mais sujeito a engarrafamentos, mais suscetível a judicializar seus conflitos e mais exposto a novas mídias, nas quais imperam três lógicas paralelas: a da violência, a do escracho e a da ostentação. E a Copa tornou-se um prato cheio para ser maltratada por essas três formas de se encarar um assunto: pela violência, pelo escracho e pela ostentação (LASSANCE, 2014, p. 81).

Nesta etapa do trabalho, observa-se o efeito da violência das manifestações, que foi fundamental para demarcar e inflar as manifestações, tornando os movimentos mais intensos e

orgânicos; a violência gerou cada vez mais violência dos dois lados, as mídias tradicionais se utilizaram facilmente do espetáculo sangrento para a construção de uma opinião conservadora, mas esta era apenas uma momentânea óptica da multifacetada mídia tradicional:

A primeira reação foi de condenação pura e simples. As manifestações deveriam ser reprimidas com rigor ainda maior. À medida, no entanto, que o fenômeno se alastrou, a velha mídia alterou radicalmente sua avaliação inicial. Passou então a cobrir em tempo real os acontecimentos, como se fosse apenas uma observadora imparcial, que nada tivesse a ver com os fatos que desencadearam todo o processo. O que começou com veemente condenação transformou-se, da noite para o dia, não só em tentativa de cooptação, mas também de instigar e pautar as manifestações, introduzindo bandeiras aparentemente alheias à motivação original dos manifestantes (LIMA, 2013, p. 92).

O que se via no começo dos protestos era a polícia agindo desmedidamente em comparação aos manifestantes que agiam de maneira pacífica (SANTOS, 2015). Na medida que as mobilizações se estenderam para o resto do país, os governantes começaram uma rodada de negociações com as lideranças das manifestações, no entanto, a repressão continuou prejudicando o protesto pacífico.

Surgiram também nas passeatas os Black Blocs¹² e outros grupos que adotaram atos de violência e vandalismo contra a polícia e contra patrimônios públicos, fazendo com que a partir daí o movimento refluiu-se (SANTOS, 2015).

A violência tomava conta das ruas, grupos extremistas iniciaram uma série de atos de vandalismo, quebrando ônibus, agências bancárias, pichando prédios e automóveis, intensificando a reação dos policiais, que revidavam. Enfatizando a questão da violência dos movimentos de junho de 2013, Zizek (2013, p. 105) abordou: “muito se falou da violência por parte dos manifestantes. Mas o que é essa violência quando comparada àquela necessária para sustentar o sistema capitalista global funcionando normalmente”?

Daí terem assumido o risco maior: atentar contra a “segurança pública” e contra sua própria segurança. Além dos carros, eles peitaram a mesma polícia que mata ordinariamente os jovens que, nascidos e criados em berço não pacífico, devem ser “pacificados” à bala – e não a de borracha...Pela imposição do conflito real, também eles precisavam ser “pacificados”,

¹² Do inglês Black, preto; bloc, agrupamento de pessoas para uma ação conjunta ou propósito comum de block. Surgiu nos anos 80, na Alemanha, a partir dos movimentos autonomistas, com a proposta de ser uma tática de protesto, sem líder, estrutura de poder ou cargos. E é exatamente essa estrutura autônoma que ainda confunde as avaliações sobre o Black Bloc que, por sua vez, não é um movimento. Na Alemanha daquela época, por exemplo, o Bloco Negro dividia as manifestações de rua com os Blocos Verdes dos ambientalistas e os Blocos Vermelhos dos sindicatos (SOLANO; NOVAES, 2017).

mesmo que as imagens indicassem que “tudo está calmo (VIANA, 2013, p. 58).

O Ibope realizou uma pesquisa naquele período e o resultado foi que a grande massa não compactuou com esse tipo de atitude — 66% dos entrevistados declararam que atos de vandalismo não são justificados, 28% acham que tais atos são justificados em certas circunstâncias e apenas 5% acreditam que atos de vandalismo sempre são justificados¹³ (IBOPE, 20/06/2013). A pesquisa ainda apontou que, mais da metade das pessoas nas manifestações (57%) apontaram as ações da polícia como excessivamente violentas, 24% acharam as ações violentas, mas sem exageros e 15% das pessoas não consideraram as ações violentas (IBOPE, 20/06/2013). A posição dos veículos de comunicação mais conservadores se alterou, e duras críticas foram feitas às ações violentas e ao despreparo da polícia que reagiu contra os manifestantes. Esse evento daria início ao crescimento exponencial do número de protestos e manifestações em diferentes regiões do país (FERNANDES; ROSENO, 2013).

Ao todo, sete jornalistas foram feridos, dentre os quais a repórter Juliana Vallone, da Folha de São Paulo – TV Folha, atingida no olho direito por um tiro de borracha disparado por um policial militar, ficando gravemente ferida [...]. A Organização Não Governamental (ONG) “Anistia Internacional” publicou uma nota repudiando a violência sofrida pelos manifestantes populares e pelos profissionais de comunicação (FERNANDES; ROSENO, 2013). O ataque a jornalistas e a um movimento com a aparente composição social de “classe média” pode ter facilitado a solidariedade ao movimento.

O papel da interpretação da violência foi decisivo. O descolamento aparente entre a política e a repressão equivale à naturalização da repressão policial, da mesma forma que a autonomia de um banco central significa a naturalização da economia. A elevação da taxa de juros deixa de ser uma decisão política tanto quanto a repressão se torna técnica (SECCO, 2013, p. 74).

E é neste sentido que se inicia a segunda fase das manifestações. Nessa segunda fase, a mídia realizou uma cobertura em nível nacional, observando o comportamento dos manifestantes, as reivindicações, a ação policial e os atos de violência contra grupos radicais, diferentemente do que havia acontecido em 13 de junho. As novas reivindicações dos manifestantes também chamavam a atenção, pela diversidade de pautas, como protestos

¹³ A amostragem pode ter registrado a participação de integrantes dos grupos que praticaram vandalismo na pesquisa.

contra os Projetos PEC 37¹⁴ e cura-gay, à indignação contra os gastos nos estádios de futebol utilizados para a Copa das Confederações, que somavam 28 bilhões de reais e com investimentos projetados para a Copa do Mundo, ultrapassando a casa dos 33 bilhões de reais. Aproximadamente 28 cidades¹⁵ foram palco de protestos nas ruas. Os protestos pelo Brasil somaram mais de 300 mil participantes (FERNANDES; ROSENO, 2013, p. 13).

As redes sociais recebiam um volume incrível de atualizações com fotos, vídeos e mensagens relacionadas aos protestos. Segundo pesquisa, os comentários das manifestações foram realizados através da internet nas seguintes proporções: *Twitter* 65%, *Facebook* 27%, *Blogs* 5%, *Youtube* 2% e *Instagram* 1% (FERNANDES; ROSENO, 2013). A pesquisa do Ibope apontou que 89% das pessoas nas manifestações não se sentiam representadas por nenhum partido político e 96% não eram afiliados a qualquer partido (FERNANDES; ROSENO, 2013).

O governo federal e o Congresso Nacional se mobilizaram com discursos e medidas emergenciais, a duras penas votaram projetos, como resposta aos protestos populares. A PEC 37 foi derrubada em 25 de junho pela Câmara dos Deputados com maioria esmagadora. O Projeto “cura-gay” foi arquivado e o presidente da Câmara nesta época, Renan Calheiros, apresentou uma série de pautas que seriam discutidas pela casa, no mês de julho, já que as férias dos deputados foram suspensas (FERNANDES; ROSENO, 2013). No dia 9 de julho, os senadores tentaram derrubar Proposta de Emenda à Constituição, que alterava as regras para suplência, mas depois que as redes sociais e a mídia denunciaram o ocorrido, eles voltaram atrás, e no dia seguinte, aprovaram o projeto original que impede parentes de até primeiro e segundo grau de serem os suplentes de qualquer senador (FERNANDES; ROSENO, 2013.).

Esta segunda fase dos protestos já marca uma mobilização em mais cidades, em São Paulo e Rio de Janeiro os protestos reuniram pelo menos 100 mil pessoas, entre 18 e 20 mil pessoas. Em Brasília, cerca de 10 mil pessoas se concentraram na Esplanada dos Ministérios, e parte destes subiram a rampa, ocupando a cobertura do Congresso.

As manifestações começaram a ganhar corpo nesta etapa, mais precisamente entre os dias 15 e 19 de junho de 2013; em São Paulo, os manifestantes se concentravam no Largo da Batata e depois ocuparam oito faixas da Avenida Brigadeiro Faria Lima. No Rio de Janeiro,

¹⁴ O Projeto PEC 37, de autoria do deputado Lourival Mendes (PTdoB - MA), foi vetado pela Câmara dos Deputados. Ele atribuía exclusividade às polícias Civil e Federal na competência para apuração criminal, retirando o poder de investigação do Ministério Público. O Projeto Cura-gay, apoiado pelo deputado Marco Feliciano (PSC), presidente da Comissão de Direitos Humanos e Minorias, foi arquivado. Esse projeto definia que a opção homossexual seria entendida como condição patológica e tratada com orientação sexual por psicólogos.

¹⁵ Portal G1: <http://g1.globo.com/brasil/protestos-2013/infografico/platb/>.

as dezenas de milhares de pessoas percorreram a Rua Rio Branco até a região da Cinelândia, onde ocuparam a escadaria da Biblioteca Nacional e da Câmara dos Vereadores. De lá, seguiram pela Avenida Almirante Barroso em direção à Avenida Presidente Antônio Carlos até a Assembleia Legislativa do Estado (ALERJ).

Em Belo Horizonte, a concentração dos protestos se concentrou na praça 7 de setembro. Partindo de lá até a Arena Mineirão. Em Brasília, os manifestantes se concentraram na frente do Museu da República e, de lá, marcharam em direção ao Congresso Nacional, na Esplanada dos Ministérios, ocupando a cobertura do Congresso e o gramado em frente ao Parlamento.

Como já dito, apesar do caráter pacífico das manifestações, que por sua vez tinha o lema “Sem violência”, entoada na maioria dos protestos, confrontos foram registrados com a polícia.

Esse foi um resumo das maiores manifestações do dia 17 de junho. As manifestações em São Luís não tinham sido realizadas ainda. O primeiro movimento é o “Vem Pra Rua” que aconteceu dia 19 de junho e o segundo é o “Acorda Maranhão” do dia 22 de junho.

3 MANIFESTAÇÕES NO MARANHÃO

No Maranhão, os movimentos sociais não foram diferentes do restante do país, a onda dos protestos também reverberou no estado e principalmente a ilha de São Luís. Segundo o historiador Wagner Cabral no artigo “Análise: manifestações no Maranhão retomam combates contra a oligarquia” que escreveu para o site UOL, em 3 de julho de 2013, “uma das singularidades das manifestações no Maranhão foi a conjugação de movimentos de novo tipo com padrões tradicionais de mobilização e ação coletiva, além da combinação, numa visão abrangente, de questões urbanas (que predominaram no país) como a questão agrária, conferindo uma "cor local" ao movimento”.

O historiador também acrescenta que a “cor local” era predominantemente antioligárquica, pois, dentre os temas específicos, a única palavra de ordem entoada em uníssono por um coro de 30 mil vozes foi: "Sarney, ladrão, devolve o Maranhão!". A seguir, constam as manifestações que o historiador ao longo de 12 dias listou para a apresentação da matéria e explanados nesta pesquisa. São os movimentos que tiveram mais evidências nos principais jornais do estado¹⁶.

3.1 Movimentos articulados pela ilha de São Luís

A Ilha de São Luís composta pelos municípios de Paço do Lumiar, Raposa, São José de Ribamar e São Luís também tiveram suas manifestações nas principais ruas das cidades, algumas mais discretas (quantidade pequena de manifestantes) e duas outras que ganharam destaque nacional e até mesmo fora do país: “Vem Pra Rua São Luís” e “Acorda Maranhão” (duas manifestações que aconteceram na capital maranhense).

Salienta-se, o conhecimento dos demais movimentos realizados nos outros três municípios, que não deixaram de repercutir a insatisfação de seus moradores pelo transporte coletivo precário, insegurança e pedindo o fim da oligarquia Sarney no estado.

As demandas mais abstratas por saúde, educação, segurança e transporte adquiriram sua face concreta e vimos, ao lado da juventude estudantil (secundarista e universitária), trabalhadores e trabalhadoras das periferias urbanas e até pequenos comerciantes (preocupados com o aumento do número de assaltos), pressionando e dirigindo suas queixas às secretarias de governo (da Prefeitura e do Governo do Estado) ou a uma estatal (CAEMA - Companhia de Águas e Esgotos do Maranhão) (COSTA, 2013, s.n.).

¹⁶ O Imparcial, O Estado do Maranhão e Jornal Pequeno.

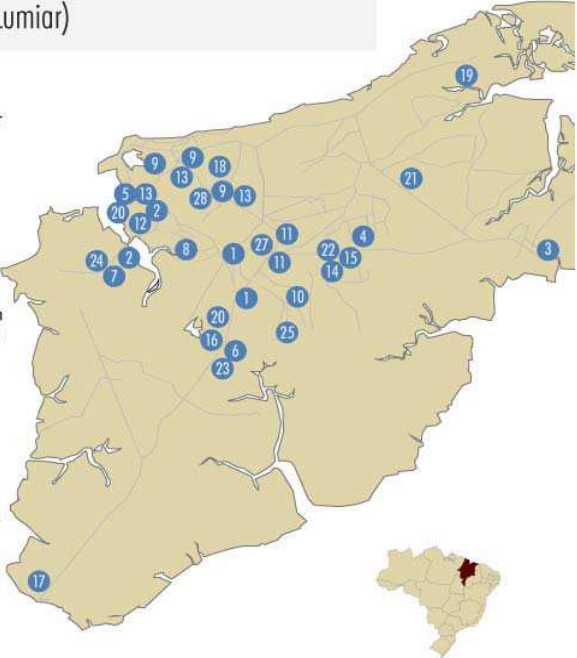
Costa (2013) descreve exatamente a insatisfação do povo, que sofre a precariedade de governos que nada fazem por eles, por seus bairros e por suas cidades. A questão do MPL foi apenas a cereja do bolo dessa grande bomba de revoltas que se espalharam pelas cidades.

Em um período de 12 dias, a partir do “Vem Pra Rua São Luís”, foram catalogadas pelo professor Wagner Cabral, da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), 28 manifestações nos mais diferentes pontos dos municípios que compõe a Ilha de São Luís e como mostra a figura a seguir:

Figura 1: Mapa das manifestações na região metropolitana de São Luís.

Manifestações na região metropolitana de São Luís (MA)

(São Luís, São José de Ribamar, Raposa e Paço do Lumiar)

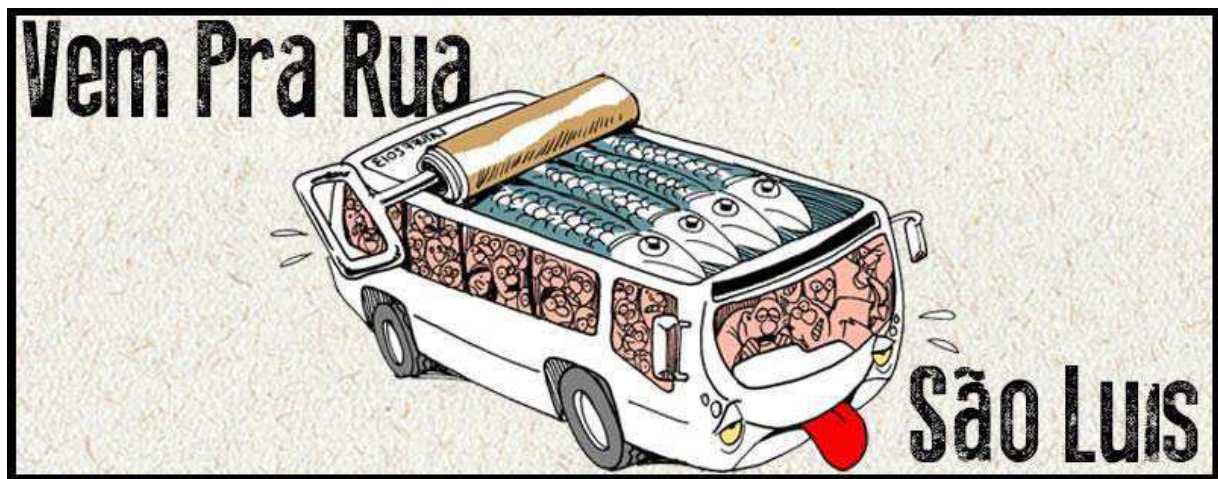
- 
- 1** **Grito da Terra** – cerca de 5 mil trabalhadores rurais fecharam o retorno do São Cristóvão, depois saindo em passeata para ocupar as sedes do Incra(anil) e Secretaria de Agricultura Familiar(centro). Em 18 de Junho de 2013(3ª feira).
 - 2** **Vem Pra Rua São Luís** – concentração na praça Deodoro reuniu 15 mil manifestantes, que saíram em passeata pelo centro até a avenida Pedro II, onde se localizam as sedes dos governos estadual (Palácio dos Leões) e municipal (Palácio La Ravardiére). Ao final, houve conflitos com a polícia. Na UFMA, cerca de mil estudantes, mobilizados pelo DCE, saíram em passeata do campus do Bacanga ao centro, para se juntar ao movimento geral. Em 19 de junho de 2013 (4ª feira).
 - 3** **São José de Ribamar** – cerca de dois mil manifestantes saíram às ruas, exigindo um transporte público de qualidade. Em 20 de junho (5ª feira).
 - 4** **Vem Pra Rua Maiobão (Paço do Lumiar)** – manifestantes percorreram a principal avenida do bairro e bloquearam a rodovia MA-201, exigindo segurança e melhorias na infraestrutura urbana. Em 21 de junho (6ª feira).
 - 5** **Acorda Maranhão** – reuniu cerca de 35 mil manifestantes, inicialmente concentrados na praça Maria Aragão, saindo em passeata até o Palácio dos Leões e depois fazendo a ocupação simbólica da ponte do São Francisco. Houve conflitos com a polícia, bem como entre setores “infiltrados”. Em 22 de junho de 2013 (sábado)
 - 6** **Acorda Zona Rural** – manifestantes se concentraram no terminal de integração do Maracanã, posteriormente fechando as duas vias da BR-135, única via de acesso à capital. Em 24 de junho de 2013 (2ª feira).
 - 7** Moradores da área Itaqui-Bacanga fecham as duas vias da Avenida dos Portugueses, que dá acesso à zona industrial. A manifestação se estendeu por toda a 2ª feira e se repetiu no dia seguinte, com estudantes e populares. Forte repressão da PM. Em 24-25 de junho (2ª e 3ª feira).
 - 8** Mais de 150 indígenas das etnias Canelas, Guajajaras e Kre-yê ocuparam a sede da Funasa (Jordoa), reivindicando melhorias no sistema de saúde. Em 24 de junho (2ª feira).
 - 9** **“São Luís Acordou”**: manifestação com cerca de 2 mil pessoas, que saíram em passeata até a Assembleia Legislativa, onde foi reprimida pelo choque e a cavalaria da PM. Um grupo seguiu até o viaduto da Cohama, que foi interditado, sendo também alvo da repressão policial. Em 24 de junho (2ª feira).
 - 10** **Cidade Operária** – lojistas, comerciantes, estudantes e moradores realizaram manifestações contra a insegurança, a violência e melhorias nos serviços públicos. Cerca de 2 mil manifestantes. Em 24 de junho (2ª feira).
 - 11** **Acorda Cohab!** – manifestação reuniu cerca de 2 mil manifestantes na praça do Rodão, saindo em passeata pela Avenida até a Forquilha, onde interditou o retorno e houve repressão da PM. Em 25 de junho (3ª feira).
 - 12** **“Periferia vai ao centro”** – (ato convocado pelo Quilombo Urbano, Luta Popular e CSP - Conlutas), reuniu cerca de mil manifestantes na praça Deodoro, saindo em passeata pelas ruas do centro da cidade. Contou ainda com a participação do MOQUIBOM (movimento quilombola). Em 25 de junho (3ª feira).
 - 13** **“Vem Pra Rua – Ato 5”** – dois mil manifestantes saíram em passeata do centro da capital, percorrendo cerca de 10km, passando pela Assembleia Legislativa até o viaduto da Cohama, que foi interditado. Em 26 de junho (4ª feira)
 - 14** **Jardim Tropical II** – cerca de 100 estudantes realizam passeata pela Av. Paraíso, pedindo melhorias no transporte e infraestrutura do bairro. Em 26 de junho (4ª feira).
 - 15** **Vila Kiola Costa (São José de Ribamar)** – moradores foram às ruas pedir segurança pública e melhorias para o bairro. Em 27 de junho (5ª feira).
 - 16** **Acorda Maracanã** – alunos e servidores do IFMA (antiga escola agro técnica) interditaram a BR-135, para reivindicar seus direitos. Em 27 de junho (5ª feira)
 - 17** **Estreito dos Mosquitos** – alunos da escola estadual Mário Martins Meireles, junto com a comunidade, interditaram trecho da BR-135, reivindicando melhorias na estrutura das escolas, mais ônibus, segurança e professores. Em 27 de junho (5ª feira).
 - 18** **Vinhais** – manifestantes bloquearam as ruas ao lado do cemitério, se dirigindo para a Avenida Jerônimo de Albuquerque. Em 27 de junho (5ª feira).
 - 19** **Vila Boa Esperança (Raposa)** – moradores interditaram a rodovia MA-203 (única via de acesso ao município), queimando pneus e madeiras. Em 27 de junho (5ª feira).
 - 20** **Vila Itamar** – manifestantes bloquearam o km 2 da BR-135, reivindicando melhorias na infraestrutura do bairro, mais educação, segurança e transporte. Depois de 8 horas de interdição, foram violentamente reprimidos pela PM. Em 28 de junho (6ª feira).
 - 21-5** Protestos, com interdições de vias públicas, se espalham em diversos bairros da região metropolitana: conjunto Paraná (Paço do Lumiar), Estrada da Mata, Tibiri, Anjo da Guarda, São Raimundo. A pauta é diversificada: problemas de infraestrutura, mobilidade urbana, segurança. Em 28 de junho (6ª feira).
 - 26** **BEIJAÇO: “Enquanto eles batem, agente beija!”** – organizado pela Marcha das Vadias contra a violência policial nas manifestações e pela livre orientação sexual! Na Praia Grande (centro de São Luís), 28 de junho (6ª feira)
 - 27** **ESTAMOS VENCENDO! ATO 6** – convocado pelo coletivo “Tudo que é sólido desmancha no ar”, em defesa do direito à livre expressão e ampla pauta de reivindicações. Manifestantes interditaram o retorno da Forquilha. Em 28 de junho (6ª feira).
 - 28** **#VemPraRuaSLZ – Ato 5**: concentração no retorno do Vinhais, saindo em passeata e bloqueando a Av. Jerônimo de Albuquerque. Em 29 de junho (sábado).

Fonte: Wagner Cabral, 2013.

3.1.1 Movimento “Vem Pra Rua São Luís”

Quando os organizadores do “Vem Pra Rua São Luís” pensaram numa imagem que descrevesse de maneira clara e objetiva o ideal desse movimento, não pensaram duas vezes em idealizar um transporte público com uma lotação além do permitido, retratado pelas sardinhas na lata: espremidas para que comportassem mais peixes. Da mesma forma, os coletivos das cidades em foco andam, além da capacidade do conforto e segurança dos seus usuários.

Figura 2: Vem Pra Rua São Luís.



Fonte: Página no Facebook do “#VEMPRARUA! São Luís” (2013).

O evento “Vem Pra Rua São Luís” segundo os registros da época, foi o primeiro que desencadeou aqui em São Luís, através de uma página no *Facebook*, liderado por dois jovens, não pertencentes a nenhum movimento específico, como a maioria dos jovens por todo o país, cidadãos brasileiros que não defendiam partido nenhum, todavia, defendiam uma sociedade mais justa. Os idealizadores da página virtual articularam-se com os integrantes do Diretório Central de Estudantes (DCE) da UFMA para organizar o ato. Acontecendo a articulação online, esse grupo marcou a primeira reunião presencial, servindo da estrutura do DCE para mobilizar e servir de centro para a divulgação do grande evento.

O DCE disponibilizou de carro de som, fez a panfletagem e no dia do ato, 19 de junho de 2013, organizou uma oficina de cartazes na Área de Vivência da UFMA, que culminou em uma passeata com aproximadamente quatrocentas pessoas até a Praça Deodoro (local de concentração do ato). Quando os universitários chegaram a Praça Deodoro, no centro da cidade, já se aglomerava na frente da Biblioteca Benedito Leite uma grande multidão,

formada de militantes, sindicalistas, estudantes secundaristas, profissionais dos mais diversos ramos e também muitos curiosos.

De acordo com a Polícia Militar do Maranhão esse feito teve a participação de dez mil manifestantes, já para os organizadores cerca de quinze mil pessoas se juntaram a eles no ato de “revolta” (O ESTADO DO MARANHÃO, 2013). Enquanto os manifestantes estavam nas ruas, ouviu-se muito os gritos de: “Estou pagando, não deveria. Transporte público não é mercadoria!”; “Sarney ladrão, devolve o Maranhão!”; “Sarney, safado, liberta o meu estado!”; “Não é mole, não. A Roseana acabou o Maranhão!”; “Não adianta fugir, Sarney. O Maranhão acordou!” (BOGÉA, 2013).

Da ponte São Francisco o protesto seguiu para a Praça Dom Pedro II - onde estão localizados o Palácio dos Leões e o Palácio de La Ravardière, respectivamente, as sedes do governo estadual e municipal. Como se vê nas imagens abaixo, o Palácio de La Ravardière foi totalmente tomado pelos manifestantes que se depararam com grades de ferro em toda a sua extensão e por um número considerável de policiais, estima-se que duzentos e cinquenta policiais faziam a segurança dos dois prédios e dos seus ocupantes, tinham ainda doze viaturas, seis motocicletas e cinquenta soldados do Corpo de Bombeiros (O ESTADO DO MARANHÃO, 2013).

Figura 3: Tomada pelos manifestantes da frente da sede do governo municipal: Palácio Ravardière.



Fonte: https://www.google.com.br/search?q=imagens+da+manifesta%C3%A7%C3%A3o+vem+pra+rua+sao+luis+de+2013&espv=2&source=lnms&tbn=isch&sa=X&ved=0ahUKEwjym5ycjfnSAhWFgZAKHQyoD5YQ_AUIBigB&biw=1187&bih=657#imgrc=1-j2FgMe_MLfIM. Kamaleao.com.

Figura 4: Imagem da proteção das grades ao redor do Palácio e o contingente militar deslocado para fazer a proteção do patrimônio.



Fonte: blog do Marcelo Vieira.

3.1.2 Movimento “Acorda Maranhão”

A página no Facebook do Movimento “Acorda Maranhão” marcada para 22 de junho de 2013, consta que 36.000 seguidores tinham a intenção de comparecer ao evento. Na descrição do movimento consta:

Há tempos o nosso Estado sofre nas mãos de políticos corruptos, que pensam apenas em seu benefício. Nós, do Grupo Acorda Maranhão, tomamos à frente, mais uma vez, para alertar, exigir o comprometimento dos cidadãos em nossa luta, que é diária, árdua e longa, para que juntos possamos mudar o cenário do Maranhão. E por que não começando. Vamos à luta! OBJETIVOS: Mostrar à sociedade que devemos fazer algo para mudar nossa realidade e nos apresentar aos governantes como "Filhos que não fogem à luta".

A concentração teve o trajeto descrito: Praça Maria Aragão - Beira-Mar - Palácio dos Leões – Prefeitura de São Luís - Tribunal de Justiça - Praça Dom Pedro II - Rua do Egito - Ponte José Sarney - dispersão no retorno do São Francisco:

Queridos participantes, nós do Grupo Acorda Maranhão, SOMOS APARTIDARIOS, não temos vínculo com qualquer partido, entidade, etc. Começamos há 3 anos atrás, com o Primavera Maranhense, participando da Greve dos Militares, na frente da Assembleia Legislativa. Não estávamos

“apoiando-os”, mas sim, garantindo nosso direito de ir e vir, esperávamos pela decisão da Governadora Roseana Sarney, para que assim, desse fim à greve. Fomos em busca de melhorias na Segurança Pública. Fizemos também, alguns atos do Dia do Basta, que é um evento Internacional. Fizemos o #FORARENAN. Não fazemos as coisas sem pensar nas estratégias, entramos em consenso. Buscamos a disponibilidade dos participantes. Mandamos ofícios às autoridades, fazemos tudo dentro da lei, assim como, ESTAREMOS EXIGINDO NOSSOS DIREITOS, DEVEMOS CUMPRIR NOSSOS DEVERES. Peço desculpas a todos, pelo transtorno e constrangimento. Peço desculpas também, aos que se sentiram ofendidos, diminuídos, etc. Queremos a ajuda e participação de todos, desde que respeitem uns aos outros. OBS: NÃO ACEITAREMOS QUALQUER ATO DE VANDALISMO. – Sem armas – Sem destruição do patrimônio¹⁷.

Nesta praça, desencadearam-se vários conflitos: as sedes dos executivos foram pinchadas, 09 pessoas foram abordadas, contidas, detidas e muitas pessoas feridas (O IMPARCIAL, 20 de junho de 2013).

O “Acorda Maranhão”, considerado o maior ato que houve na capital maranhense, aconteceu no dia 22 de junho (sábado): foi convocado e em boa parte organizado pelo grupo de mesmo nome, que atua desde 2011 protestando contra casos de corrupção. Para operacionalizar o ato, o grupo “Acorda Maranhão” participou das ações de planejamento, realizou trabalho voluntário para angariar recursos, divulgou a manifestação (antes mesmo do ato do dia 19) nas ruas, escolas e faculdades e realizou reuniões públicas para que houvesse participação de vários setores da sociedade na elaboração e debate sobre a pauta.

A concentração ocorreu na Praça Maria Aragão, no centro de São Luís, onde geralmente ocorrem atividades culturais e ações grevistas. Houve uma grande oficina de cartazes antes de saírem em passeata, que foi primeiramente em direção ao Palácio dos Leões (sede do governo estadual) cujo acesso principal já estava bloqueado com grades de ferro e barreira policial, fazendo com que os manifestantes recorressem a Rua do Egito, uma outra rua que dá acesso ao palácio.

Ali mesmo, houve conflitos entre alguns manifestantes e a polícia e, após dissidências entre as diversas “alas” dos manifestantes, a passeata foi conduzida para a Ponte José Sarney. Essas dissidências eram causadas porque existiam várias pessoas que se autodenominavam líderes. Divergiam sobre as pautas reivindicadas e até sobre o percurso que deveriam fazer. Uns queriam ir pelo Reviver e outros pela Ponte José Sarney, esses últimos acabaram vencendo e a passeata prosseguiu para a beira mar.

¹⁷ Disponível em: <<https://www.facebook.com/events/131262777075205/>>. Acesso em: 16 set. 2016.

Ainda sobre essas lutas internas pelos ideais das manifestações, encontra-se na mesma passeata, grupos que também eram contra o prefeito de São Luís, Edivaldo Holanda Júnior, registro feito por um jornal da época:

Dois movimentos: As manifestações de rua realizadas no final da tarde de ontem expuseram dois movimentos antagônicos querendo dirigir os manifestantes. Carros de som a serviço de um dos grupos gritava palavra de ordem pela mobilidade urbana e direcionava os ataques ao prefeito, enquanto o outro gritava palavras de ordem “fora Sarney” (Jornal Pequeno, 20/06/2013).

O mais marcante desse ato foi o momento em que os manifestantes ocuparam a ponte e a rebatizaram de “Ponte do São Francisco”, retirando o nome de Sarney (um dos motivos do ato, tirar a família Sarney do poder do Maranhão) e entoaram o Hino Nacional. A ponte já tinha sido rebatizada durante as manifestações do “Xô Rosengana” (2006) quando a renomearam, também em gesto simbólico, de “Ponte dos Estudantes”.

Em seguida, a manifestação dividiu-se em duas partes: uma caminhou em direção ao prédio da TV Mirante (pertencente ao grupo Sarney) – que estava cercado por trinta policiais militares do Batalhão da Polícia de Choque, da Companhia de Operações Especiais (COE), e seguranças particulares. E a outra, caminhou rumo ao viaduto da Cohama, passando pelo prédio da Assembleia Legislativa. Segundo os organizadores, essa manifestação reuniu dezessete mil pessoas e o efetivo policial contou com trezentos policiais, mais a cavalaria da Polícia Militar e dois helicópteros do Grupo Tático Aéreo (GTA), como informaram jornais do período.

Os protestos realizados pela capital maranhense¹⁸ tentavam libertar mais uma vez o estado dos seus opressores, buscando a realização de obras públicas que pudessem sanar a problemática da população. Os revoltosos não podiam mais esperar por uma pacífica conversa com prefeito e governador, precisavam mostrar que não aguentavam mais, que não estavam satisfeitos, embora aparentemente silenciosos. A “Ilha Rebelde” não podia mais se calar diante do caos e precariedade da sociedade ludovicense. Tinham que expressar de alguma forma seus sentimentos. E o resultado foram inúmeros manifestantes nas ruas, nas repartições públicas, com cartazes, rostos pintados, com gritos que ecoaram pelos cantos mais escondidos.

¹⁸ A capital maranhense era conhecida como a “ilha rebelde” devido se posicionar em muitos momentos da história política do estado, de maneira contrária e sempre realizar protestos, como por exemplo, diante da posse de Eugênio Barros no governo do estado em 1952. A população da ilha acreditava que sua vitória nas eleições daquele ano foi cercada por fraude.

A foto abaixo mostra a ocupação total da ponte José Sarney, momento esse também que ela foi renomeada pelos ocupantes – agora a chamavam de Ponte do São Francisco.

Figura 5: Ocupação da Ponte São Francisco por jovens manifestantes, junho de 2013.



Fonte:

https://www.google.com.br/search?q=imagens+da+manifesta%C3%A7%C3%A3o+vem+pra+rua+sao+luis+de+2013&espv=2&source=lnms&tbn=isch&sa=X&ved=0ahUKEwiMz-PL5_bSAhXKhZAKHX_PC_YQ_AUIBigB&biw=1187&bih=657#imgrc=U4k9PiIrCxVGiM:blog

ANEXO

MANCHETES QUE FORAM DESTAQUES SOBRE A “PRIMAVERA BRASILEIRA NAS PRINCIPAIS CIDADES DO PAÍS E NA “ILHA REBELDE”

A mídia teve seu papel relevante na transmissão dos fatos que desenrolaram durante a “Primavera Brasileira” no Maranhão e em todo o Brasil. A seguir se fará uma exposição dos acontecimentos dos principais dias de manifesto no estado através dos Jornais mais importantes da época: O Imparcial, jornal Pequeno e O Estado do Maranhão, sempre trazendo junto dos relatos destes impressos, os principais acontecimentos no Brasil nos dias relatados a seguir.

Dia: 19/06/13 - Fatos relevantes que ocorreram no Brasil neste dia

Fato 1: o estudante de arquitetura Pierre Ramon Alves de Oliveira, de 20 anos, surge na foto abaixo com camisa branca, máscara facial para proteção contra gás lacrimogênio, que usou uma grade de ferro para depredar a sede da prefeitura de São Paulo, foi preso e levado a interrogatório dia 19 de junho. Ele protestava também contra o aumento de passagem, mas acabou se excedendo em suas manifestações. Pierre Ramon não tem passagem pela polícia (Folha de São Paulo, 2013¹⁹).

Figura 6: Imagem do jovem Pierre Ramon depredando o patrimônio público.



Manifestante Pierre Ramon usa grade para quebrar os vidros da prefeitura. Fonte: <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1297767-estudante-de-arquitetura-e-detido-sob-suspeita-de-apedrejar-prefeitura.shtml>>.

¹⁹ Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1297767-estudante-de-arquitetura-e-detido-sob-suspeita-de-apedrejar-prefeitura.shtml>>, Giba Bergamim Jr e Léo Arcoverde, 19 de junho de 2013, São Paulo. Acesso em: 10 dez. 2017.

Fato 2: jogo da seleção brasileira contra o México pela Copa das Confederações – jogo realizado em Fortaleza – Ceará. Foi destaque na BBC Brasil a matéria feita por Rogério Wassermann (2013): “Tropas de choque e da cavalaria da Polícia Militar do Ceará entraram em confronto nesta quarta-feira com manifestantes a 3 km da Arena Castelão, em Fortaleza, onde o Brasil venceu o México nesta quarta-feira por 2 a 0 pela Copa das Confederações”²⁰.

E sobre este protesto acontecido em Fortaleza, a imprensa internacional, deu destaque, como o jornal britânico *The Independent* que dedica a manchete desta quarta-feira, 19 de junho de 2013 aos protestos que inflamam as principais cidades brasileiras. Com o título "A gente se vê no Rio? Protestos contra a Copa do Mundo varrem o Brasil", a matéria liga as convulsões sociais com as preparações para o Mundial no ano que vem²¹.

Abaixo a matéria do *The Independent*, extraída da BBC Brasil, na íntegra para se observar como a imprensa internacional via as manifestações aqui no Brasil, durante um evento esportivo mundial e bem próximo da realização do maior evento esportivo do mundo: uma Copa do Mundo (que aconteceria no ano seguinte na cidade do Rio de Janeiro).

O texto diz que quando o presidente da Fifa, Sepp Blatter, anunciou em 2007 que a Copa seria sediada no Brasil, ele previu que o evento teria um grande impacto social e cultural no país.

"E teve, mas não como ele esperava", diz o *Independent*. Em vez de unir o Brasil em festa, o maior prêmio do futebol, que está voltando ao país que o sediou há 54 anos e que ganhou mais títulos mundiais do que qualquer outro, está se provando ser um catalizador para grandes protestos.

O texto diz que os protestos, os maiores de uma geração, são "um choque" para as autoridades, que não estão habituadas ao descontentamento popular.

O texto lembra que as mobilizações acontecem durante a Copa das Confederações, um mês antes da Jornada Mundial da Juventude, a um da Copa do Mundo e dois das Olimpíadas.

Os brasileiros sofrem há muito tempo com um Estado ineficiente, com estimados 30 bilhões de libras desviados em evasão fiscal e corrupção todos os anos, acrescentando que os 40 milhões de brasileiros que passaram a integrar a classe média agora querem mais de seus governantes.

O que começou com o Movimento Passe Livre agora está ganhando o nome de 'Revolução do Vinagre', depois que pelo menos uma pessoa foi presa por carregar um vidro de vinagre para aliviar os efeitos das bombas de gás lacrimogêneo.

Reação

Em seu blog Beyond Brics, o portal do diário financeiro britânico *Financial Times* comentou o pronunciamento da presidente Dilma Rousseff que disse que a voz das ruas tem de ser ouvida.

²⁰ “Fortaleza tem protesto e confronto em dia de jogo da Seleção”. Disponível em:

<http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2013/06/130619_protestos_fortaleza_jp_rw>. Acesso em: 10 dez. 2017.

²¹ “Copa catalisa protestos, diz jornal”. Disponível em:

<http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2013/06/130619_imprensa_independent_fl>. Acesso em: 10 dez. 2017.

“Como reação política, sua estratégia foi clara. Até agora os protestos não tiveram sua administração como foco, mas sim os governos estaduais e prefeitos, além de governantes e responsáveis diretos pela gerência de serviços públicos”, diz o texto.

O *FT* avalia que, como até agora as manifestações têm como alvo todos os partidos, o objetivo de Rousseff será se tornar "o menor alvo possível", enquanto tentará negociar com políticos locais, como o prefeito de São Paulo, Fernando Haddad, sobre como acalmar a situação.

Se eles conseguirem planejar uma forma dele voltar atrás na proposta de aumentar a tarifa de ônibus, deve ser o suficiente para acalmar um pouco os protestos e dar a presidente um tempo para respirar²².

Figura 7: Diante de protestos, jornal britânico lança dúvidas sobre sucesso da Copa.



Fonte: http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2013/06/130619_imprensa_independent_fl.

Diz o *Independent*. "Em vez de unir o Brasil em festa, o maior prêmio do futebol, que está voltando ao país que o sediou há 54 anos e que ganhou mais títulos mundiais do que qualquer outro, está se provando ser um catalizador para grandes protestos". O texto diz que os protestos, os maiores de uma geração, são "um choque" para as autoridades, que não estão habituadas ao descontentamento popular. "Os brasileiros sofrem há muito tempo com um Estado ineficiente, com estimados 30 bilhões de libras desviados em evasão fiscal e corrupção todos os anos", acrescentando que os 40 milhões de brasileiros que passaram a integrar a classe média agora "querem mais de seus governantes". O que começou com o Movimento Passe Livre agora está ganhando o nome de 'Revolução do Vinagre', depois que pelo menos uma pessoa foi presa por carregar um vidro de vinagre para aliviar os efeitos das bombas de gás lacrimogêneo".

²² “Copa catalisa protestos, diz jornal britânico”. Disponível em:

< http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2013/06/130619_imprensa_independent_fl>. Acesso em 10 dez.2017.

A imprensa britânica entendia que os manifestos ocorridos são válidos diante da problemática política, econômica e social, causada por más administrações e que agora com os eventos de alto custo financeiro que o país estava arcando, seria um “prato” cheio para desencadear revoltas e protestos por várias cidades brasileiras.

Fato 3: após protestos em São Paulo, o governador de São Paulo, Geraldo Alckmin, e o prefeito da capital paulista, Fernando Haddad, anunciaram no início da noite deste dia 19 de junho de 2013 que revogarão os reajustes de R\$ 0,20 no transporte coletivo.

Com a redução da tarifa no transporte coletivo (ônibus, trem e metrô), a passagem volta a R\$ 3,00 a partir do dia 24 de junho. Haddad disse que a redução das tarifas será mantida por tempo indeterminado. Alckmin disse que vai "cortar investimentos" e que a medida será um "esforço". "As empresas (de transporte) não têm como arcar com isso (com a revogação do reajuste), então o Tesouro paulista vai arcar e apertar o cinto", declarou. Haddad disse que o gesto é feito "em proveito do diálogo com a cidade". "É um gesto de abertura e aproximação", disse o governador²³.

Após anúncio desta medida, os manifestantes foram para a Avenida Paulista, no centro da cidade, e fecharam as pistas no sentido Paraíso, em comemoração à revogação dos aumentos.

²³ “Após protestos, SP e Rio reduzem tarifas de transporte público”.

Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2013/06/130619_passagem_transporte_pai>. Acesso em: 11 dez. 2017.

Fatos relevantes que ocorram no Maranhão neste dia: no dia 19 de junho, a primeira manifestação aconteceu na capital maranhense, quando milhares se reuniram na Praça Deodoro e saíram em protesto pelas ruas do Centro de São Luís (G1 Maranhão, 2013)²⁴.

Figura 8: Manifestantes na frente do Palácio dos Leões, no primeiro grande protesto do mês, 19 de junho de 2013.



Fonte: Divulgação/Natália Macedo.

<http://g1.globo.com/ma/maranhao/noticia/2013/06/moradores-da-raposa-interditam-ma-203-em-protesto.html>.

JORNAL O IMPARCIAL

MANCHETE: “Um dia após o “Grito da Terra”.

MATÉRIA: “O ‘GRITO’ QUE VEM DO CAMPO: centenas de trabalhadores rurais protestaram, em São Luís, em busca de melhores condições de trabalho no campo e do combate a grilagem em todo o estado”.

AUTORA: Jornalista Sandra Viana.

JORNAL O ESTADO DO MARANHÃO

MANCHETE: Tarifa de ônibus cai em 5 capitais; atos continuam.

MATÉRIA: Trabalhadores rurais protestam em São Luís.

AUTOR: Leandro Santos.

JORNAL PEQUENO

MANCHETE: Passeatas para hoje e sábado em S. Luís miram poder público.

²⁴ “Moradores da Raposa interditam MA 203”. Disponível em:

<<http://g1.globo.com/ma/maranhao/noticia/2013/06/moradores-da-raposa-interditam-ma-203-em-protesto.html>>. Acesso em: 10 dez. 2017.

MATÉRIA: Trabalhadores rurais bloqueiam a Br-135 por mais de 4 horas.

AUTOR: Jully Camilo.

DATA: 20/06/13 - Fatos relevantes no Brasil neste dia:

Este foi um dia que entrou para a história dos manifestos no país e em especial para as manifestações ocorridas em junho de 2013, foi considerado o dia ápice e com o número maior de protestantes espalhados por várias cidades brasileiras. Em destaque agora, para a manchete publicada pela equipe do Carta Capital²⁵, registrando em tempo real os fatos acontecidos em algumas cidades, como:

BRASÍLIA - 22h10: um grupo colocou fogo em um container de lixo próximo a uma tenda na Esplanada. Algumas pessoas incendiaram galhos de árvores e jogam na tenda. Uma caçamba foi incendiada em frente ao Ministério da Saúde. O Corpo de Bombeiros não consegue chegar ao local, que está bloqueado por manifestantes. São 31 feridos na cidade (*Correio Braziliense apud Carta Capital, 2013*).

BRASÍLIA – 21h57: após protestos reunirem milhares de pessoas em todo o Brasil, a presidenta Dilma Rousseff convocou uma reunião de emergência para a manhã de sexta-feira 21, segundo o jornal *Folha de São Paulo* (apud Carta Capital, 2013). A mandatária quer discutir com seus principais ministros os efeitos dos protestos.

PORTO ALEGRE – 21h46: houve confrontos entre manifestantes e a Tropa de Choque. A Polícia Militar lançou bombas de gás e os manifestantes jogaram pedras contra os policiais. Por volta de 20h30, um pequeno grupo atacou lojas da Avenida Azenha até que a PM avançasse sobre a região. A maior parte dos manifestantes protesta pacificamente na Avenida João Pessoa (*Zero Hora apud Carta Capital, 2013*).

SÃO PAULO – 21h40: segundo a PM, cerca de 1 mil pessoas estão em frente à Assembleia Legislativa. Não há conflitos na região.

FORTALEZA – 21h31: segundo o *Diário do Nordeste* (apud Carta Capital, 2013), manifestantes invadiram o Palácio da Abolição, sede do governo do Ceará. Eles quebraram vidros e a PM lançou bombas de gás lacrimogêneo e usou balas de borrachas contra a multidão. A PM diz ter identificado mais de 10 coquetéis *molotov* com os manifestantes. Um policial foi ferido.

²⁵ “As manifestações pelo Brasil em 20 de junho”. Publicado em 20 de junho de 2013. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/sociedade/as-manifestacoes-pelo-brasil-em-20-de-junho-4066.html>>. Acesso em: 06 dez. 2017.

RIBEIRÃO PRETO (SP) – 21h23: segundo o portal *GI* (apud Carta Capital, 2013), uma pessoa morreu e 12 ficaram feridas após serem atropeladas por um carro SUV durante os protestos. Nove vítimas foram socorridas pelo SAMU e duas receberam atendimento no local. O motorista fugiu sem prestar socorro e ainda não foi localizado.

FLORIANÓPOLIS – 21h20: as pontes Colombo Machado Salles e Pedro Ivo Campos ainda estão fechadas, mas a multidão começa a se dispersar aos poucos. A PM estima em 20 mil o número de manifestantes na cidade. Por volta de 20h30, um homem caiu da Ponte Colombo Salles de uma altura de 10 metros. Ele foi socorrido pelos bombeiros e levado ao Hospital Celso Ramos. Segundo a PM, ele está consciente.

BRASÍLIA – 21h07: segundo o jornal *Correio Braziliense* (apud Carta Capital, 2013), ao menos 100 fuzileiros navais chegaram ao salão do Itamaraty para reforçar a segurança do prédio do Ministério das Relações Exteriores. Cerca de 100 manifestantes estão ao redor de uma fogueira feita com cartazes e cones no canteiro central da Esplanada, próximo ao Itamaraty.

FORTALEZA – 21h03: manifestantes chegam ao Palácio da Abolição, sede do governo do Ceará, e pedem a presença do governador Cid Gomes (PSB). Algumas pessoas tentaram entrar no prédio, mas foram impedidos por manifestantes. *Diário do Nordeste* (apud Carta Capital, 2013).

CAMPINAS (SP) – 20h56: uma jovem de aproximadamente 20 anos desmaiou no meio da multidão na Avenida Anchieta, em frente à prefeitura, por volta das 20h, depois de inalar gás de pimenta. Manifestantes pediram socorro, pois ela parecia convulsionar. O momento em que a moça desmaiou foi flagrado por Cleber Gonçalves, que acompanha o ato. A reportagem não flagrou nenhuma SAMU nas mediações, desde o início da passeata, às 17h. No momento da confusão, manifestantes começaram a gritar "Fora PM", "Fora PM". Helicópteros não param de sobrevoar a região central da cidade. Muitas pessoas inalaram gás de pimenta emitidos pela polícia e passaram mal, principalmente quem estava na avenida General Osório, que dá acesso à prefeitura. Por *Amanda Cotrim* (Carta Capital, 2013).

CAMPINAS (SP) – 20h37: a Tropa de Choque volta a lançar bombas de gás para dispersar os manifestantes da frente do prédio da prefeitura. A polícia tenta retirar as pessoas da escadaria do prédio. Há correria nas ruas.

BRASÍLIA – 20h35: PM retira manifestantes do Itamaraty, que lança bombas de gás lacrimogêneo para evitar a invasão do prédio do Ministério das Relações Exteriores. Há focos de incêndio nas proximidades do prédio. Até então, a polícia de Brasília havia evitado usar bombas de gás.

BRASÍLIA – 20h26: de acordo com o jornal *Correio Braziliense* (apud Carta Capital, 2013), manifestantes invadiram o prédio do Itamaraty após quebrarem vidraças do prédio. Há um foco de incêndio em uma das pilastras do prédio. A polícia tenta afastar os manifestantes. No prédio, funciona o Ministério das Relações Exteriores.

SÃO PAULO – 20h15: *Twitter* da PM estima que há 100 mil pessoas entre a Avenida Paulista e Consolação. A polícia diz que houve apenas um confronto entre um integrante de um partido político e manifestantes. Uma pessoa ficou ferida e foi socorrida.

BRASÍLIA – 20h05: de acordo com o jornal *Correio Braziliense* (apud Carta Capital, 2013), há tensão em frente ao Congresso Nacional. Há muita fumaça devido às fogueiras acesas pelos manifestantes que queimam cartazes. A PM aumentou o uso de spray de pimenta para que os manifestantes se afastassem do espelho d'água. Manifestantes usam sinalizadores no gramado do Congresso.

SALVADOR – 20h: Segundo o portal *GI* (apud Carta Capital, 2013), dois micro-ônibus da Fifa foram apedrejados em frente ao Hotel da Bahia, em Campo Grande. A PM e manifestantes entraram em confronto em frente ao teatro Castro Alves, onde há bombas de gás sendo lançadas pela polícia. Manifestantes colocaram fogo em objetos na rua. A Cavalaria e a Tropa de Choque estão no local. Um ônibus foi incendiado na Rua João das Botas, no centro.

CAMPINAS (SP) – 19h35: Tropa de Choque e a Guarda Municipal lançam bombas de gás contra manifestantes que tentam se aproximar da prefeitura. Há cerca de 15 mil pessoas nos protestos pela cidade.

PORTO ALEGRE – 19h46: manifestantes iniciaram a concentração em frente à prefeitura e se dividiram em dois grupos. Ainda não há estimativas oficiais de quantas pessoas estão nos atos.

RIO DE JANEIRO – 19h44: polícia reprime com violência manifestantes próximo à prefeitura. São lançadas bombas de gás e balas de borracha. Pedro Vedova, jornalista da *Globonews*, foi atingido por uma bala de borracha na testa. Há focos de incêndio no meio da rua.

MANAUS – 19h43: um adolescente foi esfaqueado e dois ônibus apedrejados no protesto que reúne mais de 30 mil pessoas no centro da capital amazonense. A concentração começou às 18h em frente ao Teatro Amazonas e já toma ao menos cinco avenidas principais da região. *O Globo* (apud Carta Capital, 2013).

RIO DE JANEIRO – 19h40: cerca de 300 mil pessoas estão em frente à Prefeitura, segundo cálculos de especialistas da Coordenação de Programas de Pós-Graduação da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

SÃO PAULO – 19h37: o *Datafolha* (apud Carta Capital, 2013) informa que havia 70 mil pessoas na Avenida Paulista às 19h.

BRASÍLIA – 19h35: O jornal *Correio Braziliense* (apud Carta Capital, 2013), um jovem foi ferido na cabeça após ser atingido por um cassetete da PM. Manifestantes jogaram um rojão contra a polícia que reagiu com spray de pimenta e cassetete. Minutos antes, um grupo forçou a barreira policial, próximo ao Palácio da Justiça. A polícia estima em 30 mil pessoas no protesto em frente ao gramado do Congresso.

CAMPINAS (SP) – 19h20: clima de terror toma conta das ruas. Enquanto uma passeata acontecia de forma pacífica pela Avenida Francisco Glicério, no centro da cidade, um grupo seguia para a Avenida Anchieta, onde fica a prefeitura. Neste trecho, manifestantes tentaram invadir a prefeitura. Por volta das 18h30, uma multidão começou a correr pela rua General Osório (travessa da Anchieta) e gritar "sem violência", enquanto bombas eram explodidas. Neste momento, helicópteros da PM sobrevoam a região. De acordo com a PM, já chega a 15 mil pessoas no ato. Entre as bandeiras levantadas: a melhoria do transporte público, redução do lucro dos empresários de transporte, investimento em saúde e educação, além de protestos contra a PEC 37 e o deputado Marco Feliciano. O clima no momento é tenso. *Por Amanda Cotrim* (apud Carta Capital, 2013)

RECIFE – 19h15: 100 mil pessoas estão no protesto que parou o centro do Recife, segundo a Secretaria de Defesa Social - SDS (apud Carta Capital, 2013).

RIO DE JANEIRO – 19h11: *GloboNews* (apud Carta Capital, 2013) informa que manifestantes colocam fogo em objetos no meio de uma rua próxima à prefeitura. A PM lançou bombas de gás lacrimogêneo contra os manifestantes para dispersar a multidão. A cavalaria está no local.

SÃO PAULO – 18h58: juventude do PT, integrantes da CUT, do MST e da UGT foram hostilizados na Avenida Paulista. Outros manifestantes xingaram o grupo e atiraram uma garrafa contra ele. Membros da juventude do PT gritaram: “Sem fascismo!” e “todo mundo está unido pela tarifa e não contra os partidos”. Houve momentos em que os manifestantes ficaram mais agitados contra os “partidários”. *Por Tory Oliveira, da Carta na Escola* (apud Carta Capital, 2013).

SÃO PAULO – 18h53: ala Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transexuais - LGBT leva boneco de Marco Feliciano à passeata de São Paulo e grita palavras de ordem contra a "Cura gay".

SÃO PAULO – 18h52: membros do grupo de Facebook “Revoltados Online” estão caminhando alguns metros à frente da "comissão de frente oficial" da passeata em São Paulo, com uma faixa atacando o ex-presidente Lula. Pelo Facebook, o grupo tentou fazer sua a manifestação do Movimento Passe Livre, ao convocar um ato pela “redução dos salários dos políticos” para o mesmo horário e local do MPL.

BELÉM – 18h41: já são cerca de 15 mil pessoas no protesto na capital do Pará. A manifestação saiu da Praça Santuário e segue rumo à Prefeitura. O portal G1 (apud Carta Capital, 2013) noticia que o prefeito Zenaldo Coutinho tentou dialogar com os manifestantes em frente à prefeitura, mas algumas pessoas atiraram pedras contra ele. Um guarda municipal ficou ferido. Explosões ocorreram na região, gerando correria.

FORTALEZA – 18h27: manifestantes tentam impedir bandeiras de partidos políticos na Praça Portugal, onde ocorre a concentração do protesto na capital cearense. Na cidade, a Assembleia Legislativa já se prepara para receber os manifestantes colocando tapumes e barreiras na Avenida Desembargador Moreira. *Diário do Nordeste* (apud Carta Capital, 2013).

BRASÍLIA – 18h09: o presidente do Senado, Renan Calheiros (PMDB-AL), informou no Plenário que pretende receber, representantes do movimento popular que realiza manifestação. "O Congresso Nacional é a representação política da sociedade e continuará aberto, conversando e decidindo naquilo que lhe couber e caracterizar o interesse nacional", disse Renan segundo a *Agência Senado* (apud Carta Capital, 2013).

RECIFE – 17h59: a PM estima que 50 mil pessoas estejam no protesto que acontece no centro. Os manifestantes pedem melhorias no transporte público da cidade. Na terça-feira 18, o governador de Pernambuco, Eduardo Campos (PSB) anunciou uma queda de 10 centavos no valor das passagens de ônibus da capital e da região metropolitana.

RIO DE JANEIRO – 17h36: a Polícia Militar do Rio de Janeiro vai distribuir 20 mil panfletos pedindo paz aos participantes da manifestação desta quinta-feira 20. O texto pede: “Sem violência, paz. Ajude-nos a proteger você. Afaste-se dos que insistem em vandalizar uma manifestação pacífica”. O panfleto também traz explicações sobre a posição da PM com relação às manifestações. “A Polícia Militar não reprime manifestações nem é contra a liberdade de expressão, mas tem como maior valor a proteção à vida. Sua atuação tem a finalidade de manter um princípio básico da democracia: a convivência pacífica”. *Da Agência Brasil* (apud Carta Capital, 2013).

BELÉM – 17h30: segundo a PM, mais de cinco mil pessoas participam da manifestação na capital paraense. O ato partiu da Praça Santuário, em Nazaré, e segue para a Prefeitura. A PM destacou 800 agentes para acompanhar o protesto.

FLORIANÓPOLIS – 17h24: manifestantes vão pessoas que estão nos protestos com bandeiras de partidos. Manifestantes com bandeiras do PCdoB, PSTU e PT fazem discurso no Terminal de Integração do Centro (Ticen) com carros de som. *Diário Catarinense* (apud Carta Capital, 2013).

SÃO PAULO – 17h19: segundo o tenente-coronel Marcelo Pignatari, da Polícia Militar, o efetivo na avenida Paulista é de cerca de mil policiais, um efetivo maior que na manifestação anterior. A intenção é "evitar o que aconteceu na terça-feira". *Por Piero Locatelli* (apud Carta Capital, 2013).

SALVADOR – 17h10: É manchete no jornal *Correio* (apud Carta Capital, 2013), por volta de 16h50, a polícia de Salvador lançou bombas de gás lacrimogêneo contra manifestantes que tentavam se aproximar da Arena Fonte Nova, que recebe o jogo Nigéria e Uruguai nesta quinta-feira 20, às 19h. A partida é válida pela Copa das Confederações. Uma barreira da Tropa de Choque impede a passagem dos manifestantes. A cavalaria da Polícia Militar foi acionada.

Fatos relevantes neste dia no Maranhão:

Três cidades maranhenses, Bacabal, Imperatriz e São José de Ribamar, na quinta-feira dia 20 de junho de 2013 realizaram protestos, exigindo melhorias no transporte e mais segurança.

As manifestações no Maranhão envolveram pessoas das mais diversas classes, estudantes (secundaristas e universitários), trabalhadores rurais e das cidades, todos almejando demandas concretas para a saúde, educação, segurança e transporte, todos cobrando e solicitando que as secretarias de governo da Prefeitura e do Estado se mobilizassem em prol do bem maior: que é o povo maranhense.

Além dos pontos abordados acima, as manifestações deram também visibilidade para a questão agrária, problemas que o campo vem sofrendo a muitos anos, devido o descaso dos órgãos públicos e da falta de políticas públicas abrangentes a este setor. O Estado do Maranhão tem 1/3 da população residindo no campo, de onde saíram 30% dos trabalhadores em situação análoga à escravidão resgatados país afora e que foi, pelo terceiro ano consecutivo, o infeliz "campeão" de conflitos agrários no Brasil (CABRAL, UOL, 2013).

Assim, as ruas da “Ilha Rebelde” presenciaram ainda a mobilização de diversas etnias indígenas para a ocupação da FUNASA (reivindicando melhorias na saúde das aldeias), a participação do movimento das comunidades tradicionais quilombolas (Moquibom) e o Grito da Terra 2013 (com a presença de cinco mil pessoas, em 18 de junho), organizado pela Federação dos Trabalhadores na Agricultura (Fetaema), com pautas específicas para o governo estadual e federal (Incra). E na opinião de Cabral (UOL, 2013) uma das singularidades da "Primavera bBasileira" no Maranhão foi a conjugação de movimentos de novo tipo com padrões tradicionais de mobilização e ação coletiva, além da combinação, numa visão ampla de questões urbanas (que predominaram no país) com a questão agrária, conferindo uma "cor local" ao movimento.

JORNAL O IMPARCIAL:

DATA: 20/06/13.

MANCHETE: São Luís vai pra rua... E uma minoria faz baderna.

MATÉRIA: As vozes das ruas.

JORNAL O ESTADO MARANHÃO: duas grandes matérias sobre a temática.

DATA: 20/06/13.

MANCHETE: Protesto e tumulto em São Luís.

MATÉRIA: Protestos e tumultos marcam manifestação por ruas de São Luís.

AUTORES: Thiago Bastos e Jock Dean.

MATÉRIA: Mobilização muda rotina das atividades do centro da capital.

AUTOR: André Lisboa.

JORNAL PEQUENO

DATA: 20/06/13.

MANCHETE: “Sarney, devolve o Maranhão”, exigem manifestantes em São Luís.

MATÉRIA: “Sarney, devolve o Maranhão”, exigem manifestantes em São Luís.

AUTOR: Oswaldo Viviani.

21/06/13 - Fatos relevantes que aconteceram no Brasil neste dia

O Congresso Nacional na manhã do dia 21 de junho de 2013, sexta-feira, amanheceu com várias placas pichadas, de acordo com o UOL²⁶ o protesto em Brasília, foi um dos mais tensos, entre os mais de 90 atos organizados pelo país na noite da quinta-feira.

O dia 21 de junho é comemorado no Brasil o dia da Música e neste dia, em que os protestos continuam por várias partes do Brasil, o que se ouviu nas ruas foi o Hino Nacional Brasileiro.

Quando ouvimos uma música que nos toca, pensamos em alguém, em um momento das nossas vidas. A música da formatura, do casamento, aquela que gostamos de dançar, do casal de namorados. Nos apegamos a elas. Elas criam referências. Uma marca. Acredito que, para quem sabe viver, a vida é uma festa. Para os que não sabem, a vida é uma baderna. Sendo festa, precisamos de Música. Festa sem música não é festa. Vida sem música é desterro. As manifestações que tomam conta do país – o Gigante acordou! – despertaram em todos o sentido patriótico que perdemos pelo cansaço gerado diante de governantes corruptos, que governam em causa própria. A declaração emocionada da atriz Alessandra Negrini – ontem, em plena Avenida Paulista – foi um desabafo emocionado: “este país é nosso, os bens públicos são nossos”. Frase verdadeira. Um país à deriva. O povo nas ruas. “Desculpem o transtorno. Estamos reformando o Brasil”, afirmava um cartaz. Um emocionante mote energético? O Hino Nacional (SIVIERO, O ESTADÃO, 2013).

E assim, no dia da música, tocados pelo hino que canta a força de um povo, a luta e as vitórias, o povo pedia, até mesmo suplicava, para que seus governantes transformassem o “Gigante” em um país digno para qualquer pessoa que aqui resida.

Fatos relevantes no Maranhão neste dia: os protestos e a violência continuam nas manifestações realizadas no estado, as redes sociais inflamam ao convocar a população para sair as ruas e lutarem juntos contra os abusos das autoridades políticas, da precariedade dos serviços públicos prestados.

JORNAL O IMPARCIAL

DATA: 21/06/13.

MANCHETE: Protestos crescem e violência também.

²⁶ “Imagens do dia 21 de junho de 2013”. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/album/album-do-dia/2013/06/21/imagens-do-dia---21-de-junho-de-2013.htm>>. Acesso em: 06 dez. de 2017.

MATÉRIA: Manifestações pelo Maranhão. Cidades maranhenses aderiram os protestos convocados através das redes sociais. Em São Luís, funcionários da prefeitura iniciaram os reparos de prédio público pinchado por vândalos.

AUTOR: Michel Sousa.

JORNAL O ESTADO MARANHÃO

DATA: 21/06/13 – Três matérias importantes.

MANCHETE: Protestos continuam pelo Brasil, mesmo com a redução de tarifa.

MATÉRIA: Deputados atestam descrédito de partidos após manifestações em São Luís.

AUTOR: Gilberto Leda.

MATÉRIA: Prédios públicos foram depredados durante manifestação em São Luís.

AUTOR: Leandro Santos.

MATÉRIA: Protestos repercutem nas redes sociais.

AUTOR: Jock Dean.

JORNAL PEQUENO

DATA: 21/06/13.

MANCHETE: Os deputados ‘estouram’ mais dois convênios suspeitos do governo.

MATÉRIA: Após protestos, São Luís contabiliza danos a sedes do governo e da prefeitura.

AUTOR: Sem autoria.

22/06/13 - Fatos relevantes no Brasil neste dia

Fato 1: grupo de manifestantes faz vigília em frente à casa do governador do Rio de Janeiro, Sérgio Cabral, no bairro do Leblon, na madrugada deste sábado (22/06/13). A assessoria não soube informar se o governador está em casa (UOL, 2013).

Fato 2: policiais guardam entrada da favela do Jardim Andaraí, zona norte de São Paulo, onde um PM foi baleado em confronto com manifestantes que protestavam na rodovia Presidente Dutra. Um carro foi atingido por tiros, e outro foi incendiado pelos manifestantes. A polícia não soube informar o estado de saúde do PM e nem quantas pessoas ficaram feridas no confronto (UOL, 2013).

Fato 3: manifestantes fazem fogueira com mesas e cadeiras saqueadas de lanchonete na Avenida Candido de Abreu, em Curitiba, na madrugada deste sábado (22/06/13). A polícia utilizou gás lacrimogênio e balas de borracha para dispersar a multidão (UOL, 2013).

Fato 4: momento marcante na praia de Copacabana, Rio de Janeiro – foram colocadas 500 bolas de futebol (aproveitando o evento futebolístico da Copa das Confederações e da Copa do Mundo de 2014 nesta cidade), que as pessoas que fazem parte do Movimento Rio de Paz, fez essa manifestação pacífica. As bolas representam “meio milhão de brasileiros assassinados nos últimos dez anos” (UOL, 2013).

Fatos relevantes no Maranhão neste dia: neste dia acontece o protesto “Acorda Maranhão” e as pessoas foram convidadas pelo *Facebook* a participarem deste movimento, tendo como ponto de encontro a Praça Maria Aragão no centro da capital maranhense.

JORNAL O IMPARCIAL:

DATA: 22/06/13 - Duas matérias sobre a temática.

MANCHETE: Protestos cancelaram programação de arraiais.

MATÉRIA: Partidos querem espaço em atos.

AUTOR: Ismael Araújo.

MATÉRIA: Segurança reforçada.

AUTOR: Ismael Araújo.

JORNAL O ESTADO MARANHÃO

DATA: 22/06/13 – Duas matérias sobre a temática.

MANCHETE: Dilma propõe pacto para melhorar serviços públicos.

MATÉRIA: Anúncio de ato público de protesto causa suspensão de festas juninas.

AUTOR: Sem autoria.

JORNAL PEQUENO

DATA: 22/06/13

MANCHETE: Dilma se curva à voz das ruas e propõe pacto a nação

MATÉRIA: Policiais disfarçados vão identificar vândalos na manifestação de hoje

AUTOR: Oswaldo Viviani

A imprensa de modo geral procurou a princípio manter-se neutra ao apresentar os fatos registrados pelas cidades brasileiras durante as manifestações, mas, em muitas matérias via-se o partidarismo contra ou favor dos manifestantes. No entanto, esta mídia, percebeu a importância que as redes sociais têm na formação da opinião pública. A rapidez com que a

notícia/fato se propaga e que se bem utilizada, mobiliza grandes massas populares, principalmente, quando se trata de um objetivo comum.

Daí os resultados dessas manifestações: o não aumento das passagens, uma abertura para dialogar com alguns governantes em várias cidades do país, serviu para motivar outras classes (professores, trabalhadores rurais, povos indígenas) a reivindicar seus direitos e mostrar para os representantes do povo que o brasileiro quando quer pode mudar uma realidade.

Tais manifestações deixam uma certeza: unidos e de forma organizada, o povo, alcança suas conquistas e seus sonhos de uma vida melhor.

CONCLUSÃO

Com os eventos ocorridos em junho de 2013, vê-se que a sociedade aumentou sua percepção de que sua mobilização pode trazer resultados benéficos, mostrou que o ser humano tem uma incrível capacidade de articular e envolver os outros. De utilizar as redes sociais como ferramenta relevante de protesto, como se viu durante todos os processos reivindicatórios no Brasil e no Maranhão. Protestos esses que foram marcados pela utilização do *Facebook*, levando milhares de pessoas às ruas com o propósito de exigir mudanças, e fazendo com que os manifestos acontecessem de maneira simultânea em diferentes cidades da nação.

Gritos como: “Vem pra rua”, “Vem pra Rua São Luís”, “Acorda Maranhão”, o “Gigante Acordou”, ou ainda, “Não é por 20 centavos”, fizeram-se ouvir por ruas apinhadas de uma multidão cansada de tanto descaso, roubalheira e serviços públicos de péssima qualidade. Gritos que estavam sufocados e que naquela “primavera” haviam atingidos o ápice da insatisfação e do descontentamento de parte da população.

Após estas manifestações se tem a certeza que as redes sociais e o seu entorno, são uma ferramenta de mobilização, as ultimas possuem uma enorme relevância para a condução do país na formulação até mesmo das políticas públicas. As redes sociais serviram de instrumento que os organizadores souberam conduzir para levar os movimentos para o rumo que desejavam: atingir o maior número possível de manifestantes, das mais variadas classes sociais, idade, gênero ou nível de escolaridade.

O que fica para a sociedade brasileira como aprendizado deste período, primeiro é mostrar a força que as redes sociais possuem na informação, na mobilização e no envolvimento dos seus usuários para causas consideradas nobres e serviu para mostrar ao povo que quando se quer protestar, quando se quer mudanças quer seja de cunho político ou social, se pode, ele “povo” se faz ouvir.

REFERÊNCIAS

ACORDA MARANHÃO! Disponível em: <<https://www.facebook.com/events/131262777075205/>>. Acesso em: 16 set. 2017.

ALONSO, Angela. **As Teorias dos movimentos sociais: um balanço do debate**. Lua Nova, São Paulo, 76: 49-86, 2009.

AQUINO, Maria Aparecida de. **O Movimento Caras Pintadas**. Disponível em: <https://pt.slideshare.net/patrickblanco56/o-movimento-caras-pintadas-25618001>. Acesso em: 25 jul 2017.

“**As Manifestações pelo Brasil em 20 de junho**”. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/sociedade/as-manifestacoes-pelo-brasil-em-20-de-junho-4066.html>>. Acesso em: 06 dez. 2017.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida em fragmentos: sobre a ética pós-moderna**. Tradução de Alexandre Werneck. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

_____. **Modernidade líquida**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BORRALHO, José Henrique de Paula. **Dois poemas brasileiros em tempos de estado de exceção**. Visionilatinoamericaine. 2018.

CALZOLARI, Isabella. **MP aponta superfaturamento no gramado do estádio de Brasília**. 2015. Disponível em: <http://g1.globo.com/distrito-federal/noticia/2015/09/mp-aponta-superfaturamento-no-gramado-do-estadio-de-brasilia.html>. Acesso em: 05 ago 2017.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. Tradução de Carlos A. Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

Correio da Bahia. **Manuel Castells: "A comunicação em rede está revitalizando a democracia"** por Malu Fontes, 11.05.2015.

COSTA, Sérgio Cabral da. **Análise: manifestações no Maranhão retomam combates contra a oligarquia**. Disponível em: < <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2013/07/03/analise-manifestacoes-no-maranhao-retomam-combates-contra-a-oligarquia.htm>>. Acesso em: 20 nov. 2017.

EVANGELISTA, João Emanuel. **Teoria social pós-moderna: introdução crítica**. Porto Alegre: Sulinas, 2007.

GOHN, Maria da Glória. **Movimentos sociais na contemporaneidade**. Publicado pela Revista Brasileira de Educação, v. 16, n. 47, maio-ago. 2011.

FERNANDES, Edson; ROSENO, Ricardo de Freitas. **PROTESTA BRASIL: das redes sociais às manifestações nas ruas**. São Paulo: Prata, 2013.

HARVEY, David. **A Condição Pós-Moderna**. 17. ed. São Paulo: Loyola, 2008.

IBOPE. Disponível em: <<http://g1.globo.com/brasil/noticia/2013/06/veja-integra-da-pesquisa-do-ibope-sobre-os-manifestantes.html>>. Acesso em: 22 set. 2015.

“**Imagens do dia - 22 de junho de 2013**”. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/album/album-do-dia/2013/06/22/imagens-do-dia---22-de-junho-de-2013.htm#fotoNav=12>>. Acesso em: 10 dez. 2017.

LASSANCE, Antônio. A Copa, a imagem do Brasil e a batalha da comunicação. **Brasil em jogo: o que fica da Copa e das Olimpíadas?** Andrew Jennings, Raquel Rolnik; Antônio Lassance... [et al.]. 1. ed. São Paulo: Boitempo, Carta Maior, 2014.

LIPOVETSKY, Gilles; SERROY, Jean. **A cultura do mundo: resposta a uma sociedade desorientada**. Tradução de Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

LIMA, Venício A. de. Mídia, rebeldia urbana e crise de representação. **Cidades Rebeldes: passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil**. Ermínia Maricato...[et al.]. 1. ed. São Paulo: Boitempo, Carta Maior, 2013.

MAFFESOLI, Michel. **O tripé pós-moderno é criação, razão sensível e progressividade**. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/cultura/livros/michel-maffesoli-tripe-pos-moderno-criacao-razao-sensivel-progressividade-14496249>>. Acesso em: 10 set. 2017.

_____. **O tempo das tribos: O declínio do individualismo nas sociedades de massa**. Apresentação de Luis Felipe Baêta Neves, tradução de Maria de Lourdes Menezes, revisão técnica de Arno Vigel. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

MAIOR, Jorge Luís Souto. **Brasil em jogo: o que fica da copa e das olimpíadas? Lei Geral da copa: explicitação do estado de exceção permanente**.

“**Manifestações no Brasil**”. Disponível em: <<http://www.ebc.com.br/cidadania/2013/06/confira-cidades-que-organizaram-manifestacoes-para-esta-segunda-24>>. Acesso em: 22 set. 2015.

MARÇAIOLI, Paulo Henrique. “**Jornadas de Junho – A Revolta Popular em Debate**”. Disponível em: <<http://esperandopaulo.blogspot.com.br/2015/08/jornadas-de-junho-revolta-popular-em.html>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

MARICATO, Ermínia. É a questão urbana, estúpido! **Cidades Rebeldes: passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil**. Ermínia Maricato...[et al.]. 1. ed. São Paulo: Boitempo, Carta Maior, 2013.

MOVIMENTO PASSE LIVRE. Não começou em Salvador, não vai terminar em São Paulo. **Cidades Rebeldes: passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil**. Ermínia Maricato...[et al.]. 1. ed. São Paulo: Boitempo, Carta Maior, 2013.

NOGUEIRA, Marco Aurélio. **As ruas e a democracia / Brasília: Fundação Astrogildo Pereira (FAP)**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013.

OLIVEIRA, Ribamar; MARCHESINI, Lucas. **Governo abre espaço para política fiscal mais branda**. 2013. Disponível em: <<http://www.valor.com.br/brasil/3087868/governo-abre-espaço-para-política-fiscal-mais-branda>>. Acesso em: 17 jul. 2017.

PERSONALIDADE PSICOLOGIA, 25 de abril de 2017. Disponível em: <<https://hotmedlist.com/pt/vandalism-term-reasons-reasons-vie/>>. Acesso em: 05 dez. 2017.

PIMENTA, Francisco José Paoliello. **Ambientes multicódigos, efetividade comunicacional e pensamento mutante**. 2016.

Pinheiro, Jair. Manifestações de junho fechando o outono. **Lutas sociais**, São Paulo, v. 17, n. 31, p. 153-165, jul./dez. 2013.

Revista Época (nº. 2275), págs. 82 e 83 de 2013.

SAKAMOTO, Leonardo. Em São Paulo, o Facebook e o Twitter foram às ruas. **Cidades Rebeldes: passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil**. Ermínia Maricato...[et al.]. 1. ed. São Paulo: Boitempo, Carta Maior, 2013.

SANTOS, Vivian Carolina do Carmo. **Juventude e política: jornadas de junho e manifestações em Brasília**. Monografia (Bacharelado). Universidade de Brasília, Brasília, 2015. 47 f.

SECCO, Lincoln. As Jornadas de Junho. **Cidades Rebeldes: passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil**. Ermínia Maricato...[et al.]. 1. ed. São Paulo: Boitempo, Carta Maior, 2013.

SIVIERO, Álvaro. **21 de junho** – Os protestos que se espalham pelo Brasil no dia da Música. Disponível em: <<http://cultura.estadao.com.br/blogs/alvaro-siviero/21-de-junho-os-protestos-que-se-espalham-pelo-brasil-no-dia-da-musica/>>. Acesso em: 07 dez. 2017.

SOLANO, ESTHER; NOVAES, William. Entrevista ao Leituras de História. “**Quem são os black blocs?**” Disponível em: <<http://leiturasdahistoria.uol.com.br/quem-sao-os-black-blocs/>>. Acesso em: 20 nov. 2017.

TV FOLHA. São Paulo. “**Junho** – O Mês que Abalou o Brasil” – por João Wainer.

VAINER, Carlos. Quando a cidade vai às ruas. **Cidades Rebeldes: passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil**. Ermínia Maricato...[et al.]. 1. ed. São Paulo: Boitempo, Carta Maior, 2013.

VIANA, Sílvia. Será que formulamos mal a pergunta? **Cidades Rebeldes: passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil**. Ermínia Maricato...[et al.]. 1. ed. São Paulo: Boitempo, Carta Maior, 2013.

Žižek, Slavoj. **Problemas no Paraíso**: artigo de Slavoj Žižek sobre as manifestações que tomaram as ruas do Brasil. Disponível em:
<<https://blogdaboitempo.com.br/2013/07/05/problemas-no-paraíso-artigo-de-slavoj-zizek-sobre-as-manifestacoes-que-tomaram-as-ruas-do-brasil/>>. Acesso em: 20 mai. 2016.

<http://cmais.com.br/educacao/ideias-inovadoras/fronteiras-do-pensamento/a-autocomunicacao-de-massas-segundo-castells>. Acesso em: 23 out. 2016.

<http://g1.globo.com/brasil/protestos-2013/infografico/platb/>. Acesso em: 18 ago. 2016.

<http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2013/07/03/analise-manifestacoes-no-maranhao-retomam-combates-contr-a-oligarquia.htm>. Acesso: 05 set. 2016.

<https://www.facebook.com/vempraruaslz/?fref=ts>>. Acesso em: 20 abr. 2017.

<https://oglobo.globo.com/cultura/livros/michel-maffesoli-tripe-pos-moderno-criacao-razao-sensivel-progressividade-14496249>. Acesso em: 20 abr. 2017.

<http://g1.globo.com/brasil/noticia/2013/06/protestos-pelo-pais-tem-125-milhao-de-pessoas-um-morto-e-confrontos.html> - Protestos pelo país têm 1,25 milhão de pessoas, um morto e confrontos. Acesso em: 01 mai. 2017.

<http://esportes.r7.com/futebol/copa-das-confederacoes-2013/isenta-de-pagar-r-1-bilhao-em-impostos-fifa-garante-lucro-recorde-na-copa-de-2014-25062013> - Isenta de pagar R\$ 1 bilhão em impostos, Fifa garante lucro recorde na Copa de 2014. Acesso em: 01 mai. 2017.

<https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2013/07/03/analise-manifestacoes-no-maranhao-retomam-combates-contr-a-oligarquia.htm> - Análise: manifestações no Maranhão retomam combates contra a oligarquia. Acesso em: 25 abr. 2017.

<http://filosofiacienciaevida.uol.com.br/ESFI/Edicoes/49/artigo179777-1.asp>.

<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1298755-manifestacoes-levam-1-milhao-de-pessoas-as-ruas-em-todo-pais.shtml>. Acesso em: 21 abr. 2017.

<http://epoca.globo.com/ideias/noticia/2015/04/quem-vai-ficar-com-os-votos-dos-eleitores-das-manifestacoes.html>. Acesso em: 01 mai. 2017.

<https://www.internetinnovation.com.br/blog/midias-sociais-conceito-e-definicao/>